



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE COMUNIDADES E**

**ECOLOGIA SOCIAL**

**O DISCURSO DE JOVENS AUTORAS DE *BLOGS PRÓ-ANA* E**

***PRÓ-MIA* SOBRE SEUS CORPOS.**

**ANA CAROLINA GRILO DA COSTA**

**Rio de Janeiro**

**- 2011 -**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE COMUNIDADES E**

**ECOLOGIA SOCIAL**

**O DISCURSO DE JOVENS AUTORAS DE *BLOGS PRÓ-ANA* E**

***PRÓ-MIA* SOBRE SEUS CORPOS.**

**ANA CAROLINA GRILO DA COSTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

**ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> LEILA SANCHES DE ALMEIDA**

Rio de Janeiro

- 2011 -

**O DISCURSO DE JOVENS AUTORAS DE *BLOGS PRÓ-ANA* E  
*PRÓ-MIA* SOBRE SEUS CORPOS.**

**Ana Carolina Grilo da Costa**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leila Sanches de Almeida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leila Sanches de Almeida (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosa Maria Leite Pedro

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Nilma Figueiredo de Almeida

Rio de Janeiro

- 2011 -

Costa, Ana Carolina Grilo da.

O discurso de jovens autoras de *blogs pró-ana e pró-mia* sobre seus corpos/ Ana Carolina Grilo da Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2011.

xii; 120f.

Dissertação (mestrado) – UFRJ/EICOS/ Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2011.

Orientadora: Leila Sanches de Almeida.

Referências Bibliográficas: 113 a 119.

1. Significações. 2. Subjetividade. 3. Corpo. 4. *Blogs*.  
I. Almeida, Leila Sanches de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, 2011. III. O discurso de jovens autoras de *blogs pró-ana e pró-mia* sobre seus corpos.

Este trabalho é dedicado aos meus pais, amigos e à minha querida orientadora que sempre acreditaram em mim.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de mais de dois anos de pesquisa. Ao longo desse período, pude aprender e amadurecer através de muita reflexão e, por que não dizer, através da superação de alguns obstáculos que se fizeram presentes. Em certos momentos, cheguei até a pensar que nada daria certo. No entanto, o resultado me surpreendeu. Tenho consciência de que se eu não tivesse tido o grande apoio de familiares e amigos, o saldo não seria tão positivo.

Primeiramente, agradeço à minha família. Vó Maria, tia Isabel, tia Hilda (que mesmo nos Estados Unidos, sempre telefona para me contar piadas e alegrar minhas manhãs), irmão querido, primos. Não vivo sem vocês! Aos meus pais, Waldyr e Conceição, pela paciência, dedicação extrema e compreensão. Vocês sempre souberam respeitar meu espaço e minhas decisões – por mais impulsivas que elas parecessem. Obrigada pela segurança e por sempre estarem dispostos a me dar todo respaldo de que necessito para seguir em frente.

Gostaria de agradecer aos meus amigos e amigas que, desde sempre, estão do meu lado. Chris, minha melhor amiga, o que seria de mim de você não fizesse parte da minha vida? Amo você!

Marcia, mesmo com todas as palavras do mundo, eu não conseguiria descrever o carinho que eu sinto por você. Definitivamente, uma ótima aquisição na minha vida e que quero carregar para sempre ao meu lado.

Andreza, Kely, Luiz, Marília, Natália, Paloma, Raquel e Tony: vocês são indescritíveis. Muito obrigada por tudo! Sem vocês, eu não teria conseguido passar por certas fases da minha vida.

Agradeço, também, às minhas amigas do pilates, Fernanda, Cris, Larissa, Sylvia, Cláudia, Lúcia, Isabel, Sandra, Giordana e Vanessa. Se aquela sala falasse...

Beta, Rê, Sérgio, Dodô, Egon, Rafa, Dan, Lauro, Raquel, Cecília, Jú Carvalho, Jú Pecis e Ricardo: vocês fazem meus dias muito mais felizes! Amo sair, viajar, chorar de rir com vocês!

Gostaria de agradecer a uma pessoa que entrou há muito pouco tempo em minha vida, mas que já deixou sua marca. Lu, você é especial! Obrigada por fazer meus fins de semana incríveis.

Não poderia deixar de agradecer à minha querida orientadora Leila. Desde a graduação, sempre me ajudando e me impulsionando, tirando o máximo de mim e acreditando no meu potencial. Você é simplesmente fantástica. Não tenho palavras para descrever o quanto sou grata por tudo! Pelas orientações, oportunidades, conversas, conselhos e gargalhadas. Realmente eu não poderia ter dado mais sorte. Você é muito mais do que uma orientadora e amiga. És minha segunda mãe!

Joana Martins de Mattos, minha querida co-orientadora. Desde a monografia, sempre disposta a me ajudar, trazendo sua visão mais experiente e madura. Muito obrigada por tudo.

Preciso expressar meu agradecimento à Professora Fernanda Bruno que participou da banca de qualificação e, às Professoras Rosa Maria Leite Pedro – participante tanto da banca de qualificação quanto da defesa – e Nilma Figueiredo que com seus olhares mais experientes, puderam trazer outras visões e caminhos a seguir. Suas contribuições foram deveras importantes.

Agradecimentos se fazem necessários a todos os professores e funcionários do

Programa EICOS/UFRJ, principalmente, Carmen e Ricardo. Sempre dispostos a ajudar e a conversar nos momentos vagos. Aproveito para agradecer à turma de Mestrado de 2009, em especial, Bruna, Catalina e Christine. Conviver com vocês e trocar experiências e, por vezes, angústias com o próprio mestrado, foi extremamente importante nessa minha caminhada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela bolsa recebida durante os dois anos do mestrado. Esse incentivo tornou-se fundamental para que eu pudesse me dedicar de forma intensa ao desenvolvimento deste trabalho.

## RESUMO

COSTA, A.C.G. **O discurso de jovens autoras de *blogs pró-ana e pró-mia* sobre seus corpos.** Orientadora: Leila Sanches de Almeida. Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/IP/EICOS, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

Ao longo dos séculos, os conceitos de beleza e de corpo sofreram importantes modificações. O corpo deixou de ser recheado de curvas e gordurinhas para assumir uma forma mais longilínea. Para atingir esse ideal corporal, muitas medidas foram criadas e adotadas, principalmente pelas mulheres: dietas, exercícios, uso de medicamentos para controlar o apetite, dentre outras. O uso dessas manobras, juntamente com a pressão que as mulheres sentem para conquistarem e manterem um corpo dentro dos ideais de beleza vigente na atualidade, pode figurar na base de transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia nervosas. A mídia de massa tem dado cada vez mais espaço para a temática dos transtornos alimentares, que atingem principalmente as mulheres jovens. Estas, se utilizando da Internet, montam páginas pessoais, os chamados *blogs pró-ana e pró-mia*, e relatam suas vivências, angústias e expectativas. Mas, apesar da Internet ser um poderoso meio de comunicação, ainda são poucas as pesquisas que vêm sendo conduzidas sobre o uso dos *blogs* como um canal de expressão por essas jovens que dizem ter assumido o estilo de vida ana e/ou mia. A partir dessas considerações, o objetivo deste estudo de casos, fundamentado na Rede de Significações, é compreender os relatos sobre si escritos por jovens autoras de *blogs pró-ana e pró-mia*, as chamadas “anas” e “mias”, e, assim, o uso dessa ferramenta virtual como um outro espaço de subjetivação para essas mulheres. Foi conduzida uma análise de conteúdo em onze *blogs*. Vimos que as jovens fazem uso do *blog* para compartilharem, anonimamente, experiências íntimas. O *blog* assume as funções de meio de expressão individual, meio de comunicação e diário virtual. Assim, é um espaço virtual que se caracteriza como um espaço de subjetivação recortado pelos significados da matriz sócio-histórica e, portanto, também por dispositivos de poder. As autoras, ao mesmo tempo que vivenciam nos *blogs* a liberdade, também relatam que se submetem a normas de conduta muitas vezes disciplinadoras. O corpo é relatado como indissociável dos quesitos beleza e magreza. Beleza, magreza e corpo surgiram como um tripé no qual um não existe sem o outro e que significa felicidade e sucesso.

**Palavras-chave:** subjetividade, significações, corpo, *blogs*.

**ABSTRACT:**

COSTA, A.C.G. **The discourse on bodies among young authors of *pro-ana* and *pro-mia* blogs**. Advisor: Leila Sanches de Almeida. Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/IP/EICOS, 2011. Dissertation (Masters in Psychology of Community and Social Ecology).

Throughout centuries the concept of beauty and of body have undergone important changes. The human body is no longer round and has assumed a more slim form. In order to reach this ideal body, many procedures have been created and adopted, specially by women: diets, exercises, appetite control medications, among others. Such procedures, along with the pressure felt by women to conquer and maintain their bodies in accordance with the ideal of beauty of our days, may be on the basis of eating disorders, like anorexia and bulimia nervosa. Eating disorders, which affect mostly young women, gain a growing space in mass media. Some of these women create personal sites on the internet, the so-called *pro-ana* and *pro-mia* blogs, and report their experiences, anguish and expectations. However powerful the internet may be as means of communication, there is not much research on the use of *blogs* as a channel of expression for those young women who identify themselves with the *mia* and/or the *ana* lifestyle. The purpose of this case study, based on the Network of Meanings, is to understand the report of their selves written by young female authors of *pro-ana* and *pro-mia* blogs, the so-called “anas” and “mias”, and the consequent use of this virtual tool as means of subjectivation for these women. We carried out a content analysis of eleven *blogs*. We observed that these young women use these *blogs* to anonymously share intimate experiences. The *blog* functions as a means of individual expression, of communication, and virtual diary. It is, therefore, a virtual space characterized as a subjectivation space modeled by meanings of the social-historical matrix and devices of power. These authors experience great freedom of expression in these *blogs* – while reporting a growing submission to disciplinary constraints on their conducts. The body is reported as inseparable of ideals slimness and beauty. Beauty, slimness and body form a threefold compound in which one cannot exist without the other, and which means happiness and success.

**Key-words:** subjectivity, meanings, body, *blogs*.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES:**

Figura 1	75
Figura 2	76
Figura 3	77
Figura 4	77
Figura 5	78
Figura 6	79
Figura 7	80

## SUMÁRIO:

Introdução	
1 – A perspectiva da Rede de Significações	19
1.1 – A subjetividade do indivíduo contemporâneo	22
2 – Revisão de literatura	26
2.1 – As mudanças ocorridas no corpo através dos tempos	26
2.1.1 – A definição do quesito “beleza”	26
2.1.2 – A beleza perpassando os séculos	27
2.2 – O olhar do outro produzindo a beleza e a feiúra – dispositivos de controle	41
2.3 – A mídia influenciando e propagando os ideais de beleza	49
2.4 – Os transtornos alimentares	54
2.4.1 – Anorexia nervosa	55
2.4.2 – Bulimia nervosa	58
2.4.3 – Etiologia	61
2.4.3.1 – Aspectos psicológicos	62
2.4.3.2 – Aspectos socioculturais	63
2.4.3.3 – Dietas e eventos estressores	63
2.5 – A Internet nos apresenta com os <i>blogs</i>	64
2.5.1 – O surgimento da Internet e o nascimento dos <i>blogs</i>	64
2.5.2 – Breve revisão sobre <i>blogs</i>	67
2.5.3 – A estrutura dos <i>blogs</i> pró-ana e pró-mia	73
2.5.3.1 – <i>Templates</i>	76
2.5.3.2 – Metas a serem alcançadas	77
2.5.3.3 – Lista dos amigos	77
2.5.3.4 – “ <i>I wanna be a thinspo</i> ”	78
2.5.3.5 – Imagens e mensagens	79
2.5.3.6 – Os <i>posts</i>	81
Metodologia	83
3 – Contexto do estudo e seleção dos casos	83
4 – Procedimentos	85
5 – Análise	86
5.1 – Visão de si mesma	86
5.1.1 – Corpo e beleza	86
5.1.2 – Relacionamentos	95
5.2 – Mídia e ideais de beleza	101
5.3 – Uso do <i>blog</i>	103
5.4 – Discussão	106
Conclusão	112
Bibliografia	113

## INTRODUÇÃO:

Desde os tempos mais remotos, vários artifícios eram utilizados para se destacar a beleza, principalmente a feminina. Dependendo da época, da civilização e do contexto em questão, esse destaque se dava de formas diferentes, já que o corpo está inserido em uma determinada cultura e, com isso, está sujeito a sofrer as modificações impostas tanto pela história quanto pelo contexto social imediato. Não só o corpo se modificou, como também o próprio conceito de beleza.

Do Egito Antigo até os dias de hoje, o corpo passou por transformações significativas, afinando cada vez mais. A silhueta tinha um desenho em “S”; era carnudo, recheado de dobrinhas, o que significava que aquela mulher pertencia a uma família abastada, que possuía dinheiro suficiente para comprar grande quantidade de alimentos em uma época marcada pela escassez. Gradativamente, esse mesmo corpo começou a afinar, adquirindo um desenho em “I”, no século XX: seios pequenos, pernas finas, silhueta sem muitas curvas, músculos trabalhados (PRIORE & FREIRE, 2005).

Nessa transformação, que durou séculos e será explorada em capítulo posterior, o excesso de peso passa ser encarado como desleixo e como fator de risco à saúde. A mulher passa a ser responsabilizada/culpabilizada pela forma do seu corpo e, ter uma aparência não condizente com os padrões, significa que ela não tem força de vontade, é incompetente e fracassada (FORMIGA, 2003; NOVAES, 2006; GARRINI, 2007; GOLDENBERG & RAMOS, 2007), pois ser bela é fácil, basta querer (SIQUEIRA & FARIA, 2007; GOLDENBERG & RAMOS, 2007).

Essa pressão se torna mais evidente com a proliferação dos meios de comunicação. Televisão, jornais, revistas, filmes e, mais recentemente, a Internet, são grandes propagadoras dos ideais de beleza. Com isso, o corpo se torna alvo de imaginários sobre o modo como ele é visto, desejado e consumido. Todas essas imagens

veiculadas fazem com que crianças, adolescentes e mulheres jovens tomem para si tais representações, criando sentidos e significados para seus próprios corpos. O grande detalhe é que essas mesmas imagens apresentam um padrão de beleza e magreza praticamente inalcançável para a maioria das pessoas, o que ajuda a aumentar a insatisfação que as mulheres sentem com relação aos seus corpos.

Em meio a toda essa massificação e exploração da imagem corporal surgem na Internet os *blogs pró-ana* e *pró-mia*. São páginas criadas por jovens mulheres que se dizem portadoras de transtornos alimentares, nas quais são feitas apologias à anorexia e a bulimia. Tais *sites* se transformam em verdadeiros diários online, usados por elas como importante meio de expressar vivências relativas a esses transtornos, relatar acontecimentos do dia-a-dia, escrever sobre angústias, dietas e métodos novos para emagrecer. O resultado dessas dietas também é descrito e são colocadas fotos de mulheres magras (geralmente modelos e atrizes) além de conselhos e apoio mútuo.

Geralmente, as jovens não divulgam seus nomes verdadeiros (o uso de pseudônimos é muito comum), nem colocam fotos de si mesmas. Paira uma esfera de anonimato nos *blogs*. A ausência do encontro face a face permite à jovem ter um maior grau de liberdade no momento de expressar suas emoções e sentimentos, sem censuras ou bloqueios (SCHITTINE, 2004). As opiniões que surgem em resposta ao que foi escrito podem ser positivas ou negativas, sendo estas últimas, encaradas de forma menos constrangedora, pois não há o encontro cara a cara.

Nos *blogs pró-ana* e *pró-mia* encontramos a temática dos transtornos alimentares que, apesar de serem patologias há tempos conhecidas e estudadas, estão recebendo um enfoque maior por parte dos meios de comunicação por causa do aumento de sua incidência, principalmente entre mulheres jovens. Estas, no afã de atingirem o ideal corporal vigente na atualidade, aderem a dietas (por vezes muito

restritivas), exercícios físicos, remédios para inibir o apetite, além de outras manobras que serão discutidas mais adiante.

Fazendo-se uma breve explanação sobre os transtornos alimentares, podemos dizer que a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa e o Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica são os distúrbios da conduta alimentar mais conhecidos e bem estudados. São determinados por múltiplos fatores que interagem entre si para produzir e manter os sintomas. Caracterizam-se por um comportamento alimentar gravemente perturbado – que com o progresso da doença se torna cada vez mais ritualizado – e por sérias complicações clínicas (APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000).

Vêm apresentando elevada prevalência na população, principalmente entre a população feminina jovem (BORGES e cols., 2006; APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000). Dados da OMS divulgados no ano 2000 (<http://www.who.int/en/>) revelaram que entre 1 a 2% de meninas jovens sofrem de anorexia ou bulimia e que, entre essas, o risco de suicídio aumenta em vinte vezes, quando comparados a pessoas que não apresentam distúrbio algum.

É relevante também explicar o meu interesse por estudar o tema dos *blogs pró-ana e pró-mia*. Tudo começou ainda na época da graduação em Psicologia. Por volta do sexto período, eu fazia a disciplina de Psicopatologia e um dos assuntos abordados foi justamente a questão da anorexia e bulimia nervosas. Definição, critérios diagnósticos, sintomas,... foram alguns dos tópicos estudados. Mas, como toda disciplina que se propõe a abranger inúmeros temas em pouco tempo, não foi feito um aprofundamento sobre a temática.

Então, no final da faculdade, iniciei minha monografia, que teve como título “*A auto-imagem em um portador de transtorno alimentar*”, o que ajudou a aumentar meu interesse pelo tema. A cada artigo, a cada livro, a cada informação nova, o interesse

crescia, pois as manobras que elas utilizam para perder peso e para “driblarem” a vigilância da família, as dietas e seus resultados (por vezes não satisfatórios) e os sentimentos expressados são um universo fascinante. A princípio, estranho, assustador; é difícil entender como meninas tão jovens (e, muitas vezes, bem instruídas) assumem comportamentos tão radicais – eu diria até auto-destrutivos. Mas depois, acabamos percebendo que elas não estão fazendo isso para, simplesmente, chamarem atenção. É uma conjunção de fatores que as leva a isso. Valores e crenças da sociedade contemporânea só têm ajudado a aumentar o número de casos de transtornos alimentares, principalmente entre a população feminina jovem.

Encerrada a monografia, eu estava decidida a ingressar no Mestrado para continuar estudando esse mundo, para mim, fascinante. E assim foi. Desenvolvi esse trabalho com enfoque nos *blogs* de jovens que dizem ter assumido o estilo de vida *ana e/ou mia*.

A Internet, atualmente, é um poderoso meio de comunicação de massa. Através das políticas de inclusão digital e virtual, a rede mundial de computadores vem se tornando acessível a todas as classes sociais, alcançando um grande número de pessoas de todas as faixas etárias. Mas apesar do seu enorme alcance, ainda são relativamente escassas as pesquisas que vêm sendo conduzidas sobre seu uso como um canal de expressão por essas jovens que se dizem portadoras de transtornos alimentares – outro assunto que vem ganhando cada vez mais destaque na mídia.

Durante a revisão bibliográfica, inúmeros estudos sobre *blogs* foram encontrados, mas somente alguns poucos se destinavam a falar sobre *blogs pró-ana e pró-mia* (ver, por exemplo, RIBEIRO, 2007; MEDINA, 2008). Assim, diante da massiva exploração e exposição dos corpos na contemporaneidade e do aumento da incidência dos transtornos alimentares em jovens mulheres, minha pesquisa se propõe a

aprofundar a compreensão dessa ferramenta virtual que cada vez mais vem sendo utilizada por jovens para contarem suas experiências em busca do corpo magro, sinônimo de beleza, sucesso e felicidade.

Dito isso, este estudo tem como objetivo compreender os relatos sobre si escritos por jovens mulheres autoras de *blogs pró-ana* e *pró-mia*, as chamadas “anas” e “mias”, e, assim, o uso dessa ferramenta virtual como um outro espaço de subjetivação para essas mulheres.

Aqui se faz necessário esclarecer uma questão. Falaremos que as jovens assumiram, em seus *blogs*, o estilo de vida ana e/ou mia pelo fato de não sabermos, de fato, se elas são portadoras dessas patologias.

Iniciaremos essa dissertação com a apresentação da Rede de Significações (REDSIG), referencial teórico adotado neste estudo, que norteará todas as análises e discussões que serão feitas acerca do tema explorado.

O Capítulo II, destinado à revisão de literatura, englobará o tema das mudanças corporais que foram acontecendo através dos séculos, tendo a função de demonstrar como o ideal de beleza foi se modificando ao longo do tempo. Além disto, demonstrarei como a exposição ao olhar do outro ajuda a fiscalizar, normatizar e impor um padrão estético. Esse olhar que vigia e classifica encontra respaldo nas imagens e idéias que são veiculadas pela mídia de massa, que impulsiona sua audiência a buscar avidamente o corpo perfeito. Essa influência também será abordada neste capítulo. Como esse estudo se propõe a analisar o discurso das jovens nos *blogs*, nada mais pertinente do que dedicar um subitem a essa temática. Será feito um breve histórico sobre os *blogs* e sua estrutura, além de destacarmos a questão do anonimato, que permeia todas as páginas pesquisadas.

O Capítulo III discorrerá sobre a metodologia empregada no desenvolvimento da dissertação, na qual apresentaremos o contexto do estudo e a seleção dos casos, os procedimentos, a análise feita a partir dos dados coletados nos *blogs* e a discussão.

Finalizando o estudo, apresento a minha conclusão.

## **I – A PERSPECTIVA DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES:**

A Rede de Significações (REDSIG) é uma perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004), especialmente importante quando se pretende desenvolver um estudo qualitativo sobre o processo de significação dos sujeitos. De acordo com Minayo e Sanches (1993), a abordagem qualitativa encontra um campo propício de aplicação nos estudos sobre subjetividade e simbolismo.

O processo de subjetivação é complexo, dinâmico e flexível, em contínuo movimento. Ocorre durante toda a vida, *nas e por meio das* várias interações estabelecidas pelas pessoas em seus contextos sociais e culturais e dos significados que emergirão desta interação – aqui entendida como ações partilhadas e interdependentes que as pessoas estabelecem entre si (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & SILVA, 2000).

O contexto no qual a pessoa está inserida, e ao qual nos referimos acima, é constituído pelo ambiente físico e social tendo regras, rotinas e horários (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004). Ele é organizado culturalmente (VALSINER, 1997) e delimita o modo pelo qual haverá interação. Com isso, percebe-se o caráter indissociável entre pessoa e contexto.

Quanto a essa organização social que gera, entre outras coisas, hábitos rotineiros, Goffman, em seu livro *Comportamentos em lugares públicos* (2010), faz uma reflexão sobre como as pessoas agem, ou podem agir, mediante a rotina que se estabelece e se mantém em suas vidas e como elas convivem inseridas na rotina. A partir disso, explica, demonstrando com exemplos, o que seriam os comportamentos apropriados e não apropriados que socialmente as pessoas têm. Mais do que rotulá-los

como ações apropriadas ou não, Goffman (2010) pretende ressaltar sua importância enquanto um processo comunicativo repleto de informações e significados: as formas de falar, andar, vestir e as expressões faciais enviam mensagens ao outro, mediante um leque de formas adequadas de agir. Por sua vez, essas expressões (com seus respectivos significados) tornam-se elementos constitutivos da matriz sócio-histórica da pessoa.

A compreensão desse aspecto do processo de significação mostra como todos nós somos atores. Somos pessoas que atuam ativamente no mundo e cujas ações (que podem ser julgadas como adequadas ou não dependendo do contexto e do momento em que se passem) servem para que nos mostremos e possamos ser vistos pelo outro que nos cerca.

Na perspectiva da Rede de Significações, as pessoas se relacionam com o meio social de forma dinâmica e dialógica, ou seja, a relação ocorre em um espaço no qual se dão trocas comunicativas e negociações sobre os significados de eventos, pessoas, lugares, dentre outros aspectos (LYRA & ROSSETTI-FERREIRA, 1995). Isso possibilita a construção tanto de significados, quanto de conhecimentos, acerca do mundo e de si próprio.

As relações sociais, portanto, são consideradas como sendo de suma importância no desenvolvimento do ser humano ao longo de toda sua vida (ALMEIDA, 2006). Isso porque, ao agirem, as pessoas são interpretadas pelo outro e por si próprias e, dependendo da posição ou papel que estão assumindo, se transformam e são transformadas.

Rossetti-Ferreira et al. (2004, p. 95) aponta que Vygotsky, entende “posicionamento” como sendo o modo pelo qual as pessoas constroem suas identidades na relação com os outros, assumindo para si próprias, ou atribuindo a terceiros,

determinadas posições. No processo de posicionamento, a pessoa traz consigo sua história:

... o posicionamento envolve tanto uma dimensão *relacional* como uma *reflexiva*. Relacional, porque diz respeito a um processo interativo... e reflexiva porque, ao agir ou falar, as pessoas estão invariavelmente se posicionando ou sendo posicionadas no diálogo (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p. 76).

Em outras palavras, as pessoas se inter-relacionam dentro de situações e contextos distintos. Dentro dessas situações, elas buscam se posicionar e posicionar os outros, de acordo com suas expectativas e sentimentos acerca do que está acontecendo, criando sentidos canalizados a partir da matriz sócio-histórica, constituída por fatores econômicos, históricos, políticos, culturais e sociais (ALMEIDA, 2007).

A pessoa, então, atuando de formas diversas, vai construindo sentidos e significados que levam à constituição de sua subjetividade. Cabe apresentar aqui as considerações de F. González-Rey (2003) sobre a subjetividade, as quais contribuem para a compreensão do processo de subjetivação na perspectiva da Rede de Significações.

A teoria da subjetividade que assumo, rompe com a representação que constringe a subjetividade ao intrapsíquico e se orienta para uma apresentação da subjetividade que em todo momento se manifesta na dialética entre o momento social e o individual, este último, representado por um sujeito implicado de forma constante nos processos de suas práticas, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos. O sujeito representa um momento de contradição e confrontação não somente com o social, mas também com sua própria constituição subjetiva que representa um momento gerador de sentido de suas práticas (REY, 2003, p. 241).

Vê-se que F. Rey (ibid.) destaca dois aspectos: a subjetividade é considerada um PROCESSO dinâmico, recursivo, caracterizado pela indissociabilidade entre as esferas individual e social; e a INTER-RELAÇÃO sujeito-meio – o social constrói o indivíduo e é por ele construído.

A importância de se olhar os relatos das jovens mulheres que dizem terem assumido o estilo de vida *ana e/ou mia* em seus *blogs*, sob a ótica da Rede de Significações, reside no fato de que o discurso delas expressa um posicionamento (dinâmico) em um dado contexto. Ademais, como fala Schittine (2004), os *blogs* são uma ferramenta que possibilita o encontro com o outro; essa interação, mesmo que com pessoas distantes geograficamente, possibilita a construção e reconstrução de si e do outro.

Em suma, as posições assumidas pelas pessoas, sujeitos sociais, coexistem na sua subjetividade. Portanto, integram o processo de subjetivação, o qual é impulsionado pela emergência de redes de significações. As posições sociais podem emergir, uma ou outra, alternadamente e, em um mesmo contexto, o sujeito pode inclusive assumir posições contraditórias. A(s) forma(s) com que o sujeito se apresenta em uma situação é consequência de uma síntese operada em sua rede de significação naquele contexto, a partir do recorte dos significados sócio-históricos emergentes e dos sentidos constituídos. Vê-se, portanto, que o referencial da Rede de Significações permite uma análise do posicionamento dos sujeitos em diferentes situações, destacando, assim, a complexidade da subjetividade.

### **1.1) A subjetividade do indivíduo contemporâneo:**

Quando, na seção anterior, falamos do processo de subjetivação, vimos que uma pessoa assume diversos posicionamentos ao interagir socialmente. Assim, dissemos que o posicionamento permite que o sujeito transite e assuma diferentes identidades.

Bauman (2005), em seu livro intitulado *Identidade*, sintetiza, em uma expressão, como vê esse conceito: é um *campo de batalha* (p. 83). Um campo de batalhas infinitas, ao meu ver, pois se travam lutas entre o que se *deve* ser e o que se *é*. Ou seja, para terem

suas identidades formadas e asseguradas, os indivíduos têm a tarefa de atingir o inatingível. No caso deste estudo, veremos que as mulheres travam lutas diárias e árduas para conseguirem alcançar uma identidade idealizada, o ideal de beleza (e corpo) vigente. Dietas, exercícios, restrições alimentares,... Tudo para alcançar a beleza e a perfeição corporal da forma mais rápida possível. Toda essa rapidez ocorre por conta da fluidez de conceitos e padrões. Bauman proferiu uma frase que, considero, resume exatamente o momento pelo qual a nossa sociedade está passando:

O que hoje parece belo, confortável e nobre pode vir a ser, uma vez atravessada a esquina, feio, desajeitado e desprezível (2005, p. 97).

Por conta dessa fluidez – que pode tornar o esforço de ontem, a perda de tempo de hoje – tudo deve estar pronto para ser consumido imediatamente. Camon (1999 *apud* ANDRADE, 2005) também compartilha dessa idéia de imediatismo, dizendo que o homem quer viver imerso em satisfações imediatas. A pessoa deve fazer e usar tudo aquilo que lhe traga resultados e satisfação imediata, antes que a atenção mude de foco. Com relação ao corpo, a satisfação é procurada a qualquer custo. Dessa forma, as mulheres recorrem a práticas que prometem resolver todos os problemas corporais, soluções quase milagrosas, eu diria, não importando as conseqüências que podem advir desses atos (algumas vezes, impensados).

Para tanto, uma quantidade infinita de opções são oferecidas, o que facilita as mudanças. Diariamente, o poder dos meios de comunicação de massa se faz presente: somos bombardeados por corpos esculturais em novelas e capas de revistas, anúncios de novas dietas (que além de ajudarem a melhorar a saúde ainda prometem a perda de peso e são respaldadas por estudos científicos) e exercícios milagrosos que prometem acabar com toda a gordura excedente nos abdomens em pouco tempo.

Todo esse fluxo intenso de informações ajuda a divulgar estilos de vida adotados por celebridades, por exemplo, que são tomadas como referência e garantia de amor, sucesso, felicidade. Com todas essas opções, Bauman diria que *“A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento,...”* (2005, p. 91) e, no momento seguinte, já assumiu outra. Hall (2006) inclusive salienta que a identidade é móvel: (trans)formada de acordo com o sistema social que nos rodeia. Isso faz com que o indivíduo assuma qualidades diferentes dando à sua identidade uma característica não rígida e não permanente. Essas mudanças dependem também do posicionamento e do contexto em que a pessoa está inserida e de que objetivos ela quer atingir.

Para Bauman (2005), a questão das mudanças corporais é uma consequência já esperada do momento pós-moderno. Para ele, seria estranho se, em meio a tantas modificações, o ideal de tamanho e forma do corpo permanecessem inalterados por muito tempo. E como não poderia deixar de ser, os conceitos de beleza (principalmente beleza feminina) também mudam: já mudaram, continuam mudando e podem se modificar novamente, a qualquer momento. Nesse ponto, podemos justificar o porquê de todo esse imediatismo que viemos falando ao longo dessa seção.

Por toda essa explanação, podemos concluir que o mundo contemporâneo se tornou um palco de inúmeras experimentações. Kellner (1996 *apud* BRUSCHI, 2003) cita que a moda, a cultura de consumo, a publicidade, a televisão, enfim, a mídia de massa ajuda a desconstruir e a construir novas identidades que podem vir a ser assumidas. São tantas opções e possibilidades que, por mais longa e aventureira que seja uma vida (BAUMAN, 2001), a pessoa nunca vai conseguir dar conta de experimentar tudo que lhe é oferecido. Surge, aí, uma grande dificuldade que se impõe ao sujeito: ter de escolher que caminho seguir e, conseqüentemente, que identidade adotar. No

entanto, se pensarmos na questão do posicionamento, o sujeito não necessariamente terá de escolher uma única identidade. Esta pode ser múltipla, fluida, cambiante; dependerá do contexto e do modo como o indivíduo quer se colocar.

Bauman (2001), fundamentando-se em Melosik e Szkudlarek, diz que ter mais opções do que se pode experimentar, nos dá uma sensação de liberdade de podermos nos tornar qualquer um. Mas, a partir disso, surge a questão de nos tornarmos não aquilo que gostaríamos de ser ou aquilo que somos, mas sim, de nos tornarmos o que os outros esperam de nós: “*você não é você, mesmo que tenha se tornado alguém*” (p. 74). Para Kellner (1996 *apud* BRUSCHI, 2003) outra desvantagem dessa fluidez assumida pela identidade é o fato das pessoas serem definidas pela imagem que aparentam, seus bens e seus estilos de vida.

Hall (2006) explicita o dinamismo desse processo, que nos leva a experimentar múltiplas identidades:

... à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (p. 13).

É em meio a esse processo de significação e re-significação da identidade que o sujeito pós-moderno se insere. A identidade não é mais um conceito fixo, imutável, com a qual nascemos e morreremos sem que grandes modificações ocorram. Neste momento, ela é uma “*celebração móvel*” (BRUSCHI, 2003), transformada continuamente de acordo com o posicionamento assumido.

## **II – REVISÃO DE LITERATURA:**

Para falarmos do corpo e de suas transformações ao longo dos séculos até os dias de hoje, primeiramente apresentaremos algumas considerações sobre o conceito de beleza, a presença do olhar do outro na normatização e vigilância dos corpos e a possível influência da mídia na formação de um padrão corporal.

### **2.1) AS MUDANÇAS OCORRIDAS NO CORPO ATRAVÉS DOS SÉCULOS:**

#### **2.1.1) A definição do quesito “beleza”:**

Pudemos ver, através do referencial teórico adotado nesse estudo que, também por meio da linguagem, as pessoas constroem sentidos e significados para tudo que as cerca, além de assumirem novos posicionamentos e conceitos sobre si próprias. Essa constante (re)significação – atravessada pela matriz sócio-histórica – acontece na interação entre sujeito e meio ambiente.

Falamos em linguagem. Goellner (2003 *apud* ARAÚJO, 2009) aponta que a linguagem não só reflete, mas também cria e recria sentidos para tudo que existe. Portanto, ela tem a capacidade de definir, por exemplo, os conceitos de corpo e beleza, dependendo do contexto histórico e social no qual se está inserido, pois “*a linguagem institui o que pode ser considerado belo*” (ibid., p. 2).

Dito isso, podemos dizer que muitas definições sobre o que é beleza podem ser dadas. Utilizaremos como exemplo, as acepções encontradas no Dicionário Michaelis (<http://michaelis.uol.com.br/>) para esse vocábulo:

Beleza: sf 1. Qualidade do que é belo. 2. Harmonia de proporções, perfeição de formas. 3. Mulher bela. 4. Bondade, excelência. 5. O tipo da perfeição física. 6. Coisa bela ou muito agradável.

Vemos que, neste caso, a beleza não só foi relacionada à mulher, como também ao físico. Isso nos leva a pensar que o corpo tem de assumir determinadas formas para ser considerado belo, principalmente se for um corpo feminino. Tal afirmação se torna verdadeira, pois estamos nos referindo ao momento presente, à contemporaneidade. No entanto, não podemos esquecer que, em épocas mais remotas, tal definição sobre beleza/corpo seria diferente já que esses conceitos são múltiplos e *“a multiplicidade dos seus sentidos pode ser reconhecida ao observarmos as diferentes alterações do seu conceito ao ser atravessado pelo tempo”* (GOELLNER, 2003 *apud* ARAÚJO, 2009, p. 2).

Para dar respaldo ao que acabamos de dizer, constatamos que a busca pela beleza não é privilégio da modernidade. Desde tempos remotos, as mulheres, principalmente, usavam variados artifícios para destacá-la. Dependendo da época, da civilização e do contexto em questão esse destaque se dava de formas diferentes, já que o corpo está inserido em uma determinada cultura e, com isso, está sujeito a sofrer as modificações impostas pela história.

A partir deste momento, mostraremos de que forma as concepções de beleza feminina e de corpo foram sofrendo modificações ao longo dos séculos, através de um breve histórico.

### **2.1.2) A beleza perpassando os séculos:**

Pelegriani (acesso em 2008) foi um dos muitos autores que se preocuparam em relatar as modificações pelas quais o corpo foi passando. Em seu artigo intitulado *“Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais”*, ele mostra que desde os tempos da civilização egípcia, as mulheres já faziam uso de artifícios para destacarem seus traços faciais.

Nessa civilização, a beleza feminina era ressaltada através dos olhos, que eram pintados com sombras esverdeadas e delineados com fortes linhas pretas feitas com pó de *kajal*, além do tingimento que era feito nos cílios (também com uma pasta consistente do mesmo material).

Já na Grécia, o conceito de beleza era universal. Todos – homens e mulheres – eram belos, pois beleza, saúde e virtude eram consideradas normais. A ausência desses três atributos, essa sim, era concebida como anormal. Nesse sentido, Umberto Eco (2004) considera que, na Grécia, a beleza se encontrava sempre associada a outras qualidades (como, por exemplo, a capacidade atlética, saúde, fertilidade, bondade), não existindo, portanto, um estatuto ou mesmo uma teoria do que seria belo.

Dando um salto histórico, começaremos a descrever as mudanças que aconteceram desde o século XVI até os dias de hoje.

Iniciando com o século XVI, podemos dizer que gordura era sinônimo de distinção social. A nobreza podia dar-se ao luxo de escolher produtos mais caros e comer cremes, manteiga, açúcar e molhos, enquanto os pobres cozinhavam o pouco que lhes restava com banha. Não havia beleza sem dobrinhas. A mulher gorda tinha sua imagem diretamente ligada a uma família abastada, que possuía poder suficiente para comprar grande quantidade de alimentos. A entrada desses novos produtos no cardápio europeu possibilitou o surgimento de uma configuração de corpo que não existia anteriormente: fica mais carnudo, o contorno se torna mais consistente (PRIORE & FREIRE, 2005).

Podemos destacar também a existência de partes mais valorizadas, que seriam tratadas como zonas nobres (a parte de cima do corpo – os olhos, principalmente) e de partes aviltadas (que deveriam ficar escondidas – as zonas inferiores). Essas partes inferiores eram tratadas como inúteis para designar a beleza. Nas palavras de Vigarello

“*que necessidade de se preocupar com as pernas já que não é coisa que precise mostrar?*” (2006, p. 17). Isso acontecia, pois as pernas eram tratadas como se fossem simples colunas que dariam sustento à parte de cima do corpo. Já o busto, as mãos, os braços e o rosto seriam as partes nobres, pois sua própria localização (sua altura) se imporia para a contemplação. Com isso, podemos sinalizar que há um certo empilhamento das partes do corpo, como bem ressalta Vigarello (2006).

Como acabamos de dizer, o corpo era dividido em zonas, que deveriam ter certas características para ser considerado perfeito: os cabelos e as mãos deveriam ser longos; os pés, as orelhas e os dentes deveriam ser curtos; as unhas, os lábios e a face deveriam apresentar-se vermelhos (VIGARELLO, 2006).

A figura feminina no século XVI começa a ser ressaltada nos tratados de beleza; essa é a primeira forma moderna de um reconhecimento social. No entanto, a mulher ainda é tratada como sendo inferior, até porque sua beleza (por mais que fosse ressaltada) era feita para dar prazer ao homem, servi-lo (ibid.).

É ainda no século XVI, na época do Renascimento, que o uso de cosméticos se expande valorizando ainda mais o alto do corpo.

Já no século XVII, a beleza corporal passa por uma re-configuração: o desenho da cintura e do quadril ganhou maior importância. Pernas e costas adquirem presença nas narrativas. Mas a grande mudança ocorreu mesmo no rosto; este passa a refletir tudo aquilo que vem de dentro do corpo e sua identidade é associada ao espiritual, a alma e a interioridade. Os olhos ganham grande importância, já que “*a qualidade desse olhar e sua profundidade são bastante analisados, abrindo mais do que nunca as portas da interioridade*” (ibid., p. 55).

Juntamente aos cuidados com o rosto, a roupa começou a ganhar maior destaque:

... desvelando ao cobrir, revestindo as partes mais cobiçadas da anatomia, constituía, ao mesmo tempo, um instrumento decisivo e um obstáculo à sedução (PRIORE, 2000, p. 30).

Nesse novo cenário, tal como relatado por Priore, o espartilho se torna um grande aliado das mulheres e quase uma peça obrigatória, pois ele ajudava a emagrecer as costas e a elevar o tronco. Um novo movimento tem início: a transformação do corpo. Cosméticos para redesenhar o rosto, perucas e penteados, espartilhos para geometrizar o tronco e as costas. Tudo isso se torna uma prática legítima no século XVII.

No Brasil, o uso de maquiagens se assemelhava à máscaras de tão pesadas que eram. Apesar da vida no Brasil Colônia ser muito pobre em termos materiais, a preocupação com a beleza não era pouca. Porém, era controlada pela Igreja – já que a mulher era sinal de certo perigo e preocupação devido à sua beleza e sexualidade (PRIORE, 2000).

Levando esse “estigma” de “*veículo de perdição da saúde e da alma dos homens*” (ibid., p. 28), a mulher, ao se embelezar, aumentava essa inclinação pecaminosa. Ademais, usar esses artificios para modificar a aparência, significava também alterar a obra do Criador, o que era impensável na época.

Nas pinturas, aparece o nu. Para os artistas do Renascimento, a mulher despida era símbolo de vida criadora e geração. O modelo de corpo ideal era aquele cheio de curvas e, por que não dizer, gorduras. A pele ganha luz, cor e os movimentos de torção do corpo deixam à mostra os seios, as ancas e os quadris (PRIORE, 2000).

O século XVIII chega buscando uma unificação da beleza. As expressões faciais e corporais (sem importância até então) começaram a ganhar destaque; quanto mais marcadas pela emoção, mais atraentes seriam. Além disso, um novo padrão corporal se apresenta: corpos dóceis e pequenos. Ninfas e heroínas, retratadas de costas, mostram

suas nádegas que, para serem valorizadas, deveriam se apresentar arrebitadas para trás e salientes (VIGARELLO, 2006).

Além disso, o Iluminismo traz uma nova definição entre masculino e feminino: a mulher seria posta em pé de igualdade com os homens e não mais em uma posição inferior. À mulher, cabe a responsabilidade da maternidade. Se ela não sabe enfrentar desafios e não sabe participar da vida pública é pelo fato de ter a exclusiva função de gerar, criar, proteger a infância e a vida privada. Ou seja, ela possui tantas responsabilidades quanto o homem. Entretanto, sua beleza e a forma de seu corpo (bem mais frágil se comparado ao sexo oposto) a manteriam em posição de submissão.

É também no século XVIII que a pele ganha em importância: *“seu estado, sua firmeza, bem além apenas do rosto”* (ibid., p. 94). Era necessário que as fibras fossem fortes, elásticas para dar vida a cada traço.

O espartilho, artefato que veio ganhando muito destaque, ajudava a realçar as curvas (tanto para aquelas mulheres que já as tinham, quanto para aquelas em que a sinuosidade era ausente), e impunha uma postura imponente, quase teatral. Aparece como um objeto que ajudaria a conter as *“turbulências do corpo, sua expansão ou vacilações”* (PRIORE, 2000, p. 52). Em outras palavras, ele ajudaria a corrigir a moleza intrínseca ao corpo feminino, o que demonstra que é a partir dessa época que começam a surgir preocupações com o excesso de gordura no corpo.

Fato muito importante ocorrido no século XVIII foi o reaparecimento da cirurgia plástica. Esta já tinha surgido no século XVI; contudo, havia todo aquele imaginário de que a beleza era dada por Deus e, portanto, qualquer modificação seria considerada um sacrilégio, uma afronta à perfeição da obra do Criador. Somente com o Renascimento e seus ideais estéticos de simetria, a cirurgia plástica ganha novo fôlego (NOVAES, 2006).

No século XIX, a beleza já não é mais encarada como uma bênção divina (como acontecia no século XVI) nem como uma revelação de sensibilidade (característica do século anterior). Agora, a beleza é vista como uma revelação de si. É a consciência de uma interioridade ampliada pela beleza. Daí pode-se perceber que há uma abertura do indivíduo sobre si mesmo, o que já aproxima o homem do século XIX ao homem contemporâneo (VIGARELLO, 2006).

Maior liberdade também é conferida aos indivíduos. A partir disso, a mulher começa a ser responsabilizada por sua beleza, pois tendo maior liberdade, não haveria desculpa para não procurar recursos que a tornassem mais bela. Sendo assim, a venda de cosméticos e maquiagem cresce.

A gordura do corpo, no século XIX, causa certa repulsa. Mas, mesmo com essa rejeição à obesidade, os estrangeiros que estavam no Brasil nessa época, reconheciam que o ideal de beleza para os brasileiros era esse, e explicavam tal fato através da história dos ancestrais da raça latina meridional. Porém, não era somente a questão da gordura que incomodava os estrangeiros. O aspecto pálido e o desmazelo das moças brancas também causavam espanto:

As mulheres brancas eram descritas como possuidoras de um corpo negligenciado, corpulento e pesado, emoldurado por um rosto precocemente envelhecido (PRIORE, 2000, p. 56).

Tais características tentavam ser explicadas por diversos fatores, tais como: a vida dura que essas moças levavam, sendo mal tratadas por pais e maridos e mantidas trancadas em seus quartos, longe do Sol e do convívio social, banhos quentes e ócio excessivo. Contudo, existiam também aqueles estrangeiros que preferiam tecer elogios às mulheres brasileiras. Os cabelos brilhantes e densos, os olhos escuros e curiosos chamavam atenção de muitos homens (PRIORE & FREIRE, 2005).

A finalidade dada ao corpo feminino (maternidade), mais do que nunca foi reforçada através da maior importância dada aos quadris largos e o perfil lombar mais marcado. No Brasil, o cenário não era diferente. Nesse século, a mulher bonita deveria possuir ancas largas, sinal de fecundidade e sexualidade, o que perpetuava a idéia de que a mulher tem a responsabilidade sagrada de reproduzir (PRIORE, 2000).

O espartilho continuava sendo muito utilizado, pois ajudava a projetar os seios; as chamadas anquinhas (espécie de enchimento capaz de valorizar a parte de baixo do corpo) tornavam saliente as nádegas.

Priore (ibid.) descreve como deveria ser o ideal do charme feminino:

... ombros arredondados e inclinados em suave queda, pescoço flexível e bem lançado, seios “obviamente” opulentos, bacia larga e *evasé*, talhe esbelto e fino, braços carnudos, pulsos delicados e magros, mãos longas, mas recheadas, dedos afilados, pernas sólidas, pés pequenos e de artelhos bem grudados (p. 60).

Os novos tratados de beleza e ginástica estampavam em suas capas modelos com seios salientes, ombros retos e barrigas achatadas. A partir dessa mudança na silhueta feminina – que começava a ressaltar os músculos e seus movimentos – a mulher passa a se dedicar a diferentes práticas esportivas como, por exemplo, a esgrima, as caminhadas, a natação.

Cada vez mais, as curvas femininas são ressaltadas:

A fluidez do porte se dobra em “S” para melhor indicar a feminilidade... Apenas essa modificação de linha, fortemente acentuada, faria a beleza corporal, no início do século XX (VIGARELLO, 2006, p. 121).

Neste momento, tudo poderia ser escondido pelas roupas, menos as nádegas e os seios.

O nu também aparece fortemente, permitindo que novas mudanças pudessem ocorrer na forma dos corpos. Contudo, como relata Vigarello:

As conseqüências não são imediatas. Os bustos num primeiro momento se torneiam, as nádegas se arredondam sobre coxas que prolongam sua curva, repetindo o “S” dos perfis vestidos. O modelo repercute de um desenho ao outro nos periódicos sem “preconceito” do fim do século: poses seminuas deixando extravasar os engrossamentos do “alto” e do “baixo” (2006, p. 124).

Ocorre uma maior alusão aos exercícios e dietas, pois, o trabalho sobre o próprio corpo garantiria o embelezamento. Acontece uma busca por “afinar o baixo”; pernas e quadris são mais vigiados e maiores cuidados são dispensados a essas partes.

A prática de esportes pelas mulheres começou a se difundir na Europa. Muitos foram contra essas novas atividades, pois significava uma certa negligência ao lar. No Brasil, as mulheres da aristocracia sempre praticaram a equitação, sobretudo no reinado de D. Pedro II. Em 1872, por exemplo, o monarca foi recebido em Petrópolis pelas “amazonas da Corte”. Gilberto Freire, em sua obra intitulada *Casa-grande e senzala, sobrados e mocambos, ordem e progresso* (1933 *apud* PRIORE, 2000), relata que desde o final do século XIX, a ginástica sueca era praticada, além dos banhos de rio, dos passeios à cavalo e da vida ao ar livre, própria dos engenhos e fazendas. A difusão da prática de esportes ajuda a divulgar o modelo de corpo esbelto e esguio, próprio e necessário à prática esportiva, pois quanto mais se afigurasse desta forma, mais dinâmico seria (CASTRO, 2007).

Com essa vigilância afluída, surge um novo objeto: o espelho colocado nas portas dos armários. Este artefato permitia a visão integrada do corpo e a observação da silhueta e até mesmo do corpo desnudo.

O objeto invadiu os espaços da intimidade: o corpo nu, pela primeira vez, observa-se, detalha-se, de alto a baixo, “em todos os sentidos” (VIGARELLO, 2006, p. 134).

A exigência que passa a ser feita é a de tornar-se bela e, para isso, além de um certo isolamento (com o intuito de concentrar esforços), observar-se com total liberdade era preciso. Seria esse o início da influência do olhar sobre o corpo do indivíduo? Para Nahoum (1987 *apud* NOVAES & VILHENA, 2003), este artefato – restrito à elite até o começo do século XVIII – é considerado um marco histórico que foi fundamental no processo de transformação da imagem social do corpo.

Não podemos deixar de lado, a influência do Romantismo que, na segunda metade do século XIX, ajudou a marcar a imagem da mulher. Certa palidez da pele era desejada e, para isso, cosméticos à base de óleos de cacau, máscaras à base de sangue de galinha, urina de criança de peito ou excrementos agilizavam esse processo. Os lábios também não deveriam ser muito avermelhados; logo, um creme de amêndoa doce era utilizado, pois os deixava pouco coloridos, porém apetitosos. Os olhos eram realçados por cores escuras, mas sem exageros (PRIORE, 2000).

O século XX inaugura uma nova silhueta e, conseqüentemente, uma nova concepção de beleza. A partir dos anos 1910, 1920, linhas estendidas, pernas sendo exibidas e penteados elevados tornam-se moda. A chegada dos sutiãs ao mercado, na segunda década desse século colocou em desuso o espartilho, libertando o corpo feminino de suas amarras. Com isso, os vestidos se tornaram mais abertos e mais curtos (VIGARELLO, 2006).

Os cabelos foram cortados *à la garçonne* (o famoso corte “Joãozinho”) e deveriam ser esticados e com franja, pois “*ao reduzir o volume da cabeça, ela [a mulher] parecerá mais jovem e mais delicada*” (ibid., p. 144); o esporte tornou-se sinônimo de saúde e, conseqüentemente, de beleza. O rosto também sofre modificações

estéticas: sobrancelhas que deveriam ser depiladas e maçãs do rosto realçadas pela maquiagem.

O movimento de trabalho dos músculos, iniciado no século anterior, ganha nova força. Eles deveriam ser elásticos, exercitados, visíveis. Sobre a nova imagem trazida pelos tratados de beleza em 1930, G. Cuvier, em *Leçons d'anatomie comparée* (1805 *apud* VIGARELLO, 2006, p. 150) diz:

A silhueta esbelta e esportiva, os membros finos e musculosos sem gordura parasitária e o porte enérgico e aberto: aí está hoje o ideal de beleza feminina.

Sendo assim, o novo ideal de beleza se estabelece: cabelos curtos, pernas finas e seios pequenos. O que para muitos homens significava certa negação da feminilidade era visto, agora, como ideal corporal a ser atingido. Para isso, regimes e musculação. Era a androgenia vindo à tona.

Cada vez mais, o controle sobre o corpo e o peso foram sendo estimulados. Quem subia à balança mais vezes, se conheceria melhor. Em seu livro, Vigarello (2006) expõe uma tabela extraída da revista *Votre Beauté*, que mostrava a diminuição do peso ao longo dos anos:

ANO	PESO EM QUILOS
Janeiro de 1929	60
Abril de 1932	54
Agosto de 1932	53-52
Maior de 1939	51,1

(peso indicado para uma mulher com 1,60m)

Podemos ver a partir desta tabela, o quanto o peso foi sendo reduzido. De forma rápida até. Se prestarmos atenção, em quatro meses (de abril a agosto de 1932), o peso indicado para uma mulher de 1,60m de altura diminuiu de um a dois quilos. Mas o baixo peso não era considerado unicamente uma ferramenta de beleza; era sinônimo também de saúde.

O excesso de peso e a gordura começaram a ser tratados como perigosos para a saúde e para a beleza: engordar significava observar um aumento das bolsas sob os olhos, aumento do queixo duplo, perda da forma arredondada dos seios, pregas nos quadris, alargamento das coxas e o desabamento do vinco das nádegas (VIGARELLO, 2006). Diante de todo o incentivo aos exercícios para garantir a magreza e a rigidez muscular, uma descrição deste tipo assustaria qualquer mulher que tivesse a preocupação mínima em se manter bela.

*“E a palavra de ordem é beleza! Toda feiúra deve ser banida”* (PRIORE, 2000, p. 71). A medicina contribuiu para a confirmação dessa máxima, através do incentivo à prática de exercícios como garantia de saúde e prevenção de doenças e, em última instância, como meio de garantir o frescor da tez, a pele saudável e o corpo firme e jovem. Além disso, as fotografias, o cinema e a imprensa divulgavam padrões que deveriam ser seguidos, excluindo todas aquelas mulheres que não se enquadrassem nele.

As roupas ganharam números, o que passa a determinar a largura e a forma do corpo:

Além de constrangimento moral e não apenas corporal, o tamanho traduzia (...) a linha de demarcação que passara a reprová-la e estigmatizar toda mulher que o extrapolasse (PRIORE, 2000, p. 66).

Daí surge a máxima de que não há mulher feia; há, sim, a mulher que não se cuida. Todas podem ser bonitas, desde que tenham força de vontade e controle.

Discutiremos essa questão de forma mais detalhada em seção posterior. Mas já podemos pensar que é neste momento que nasce a idéia de que qualquer mulher é capaz de atingir os ideais de beleza vigentes, não importando sua genética, não importando as conseqüências advindas de programas de dietas rigorosos. Nada disso é levado em conta. O que vale é a força de vontade e a vigilância.

Ter “boa aparência” começa a ser fundamental; os chamados bons casamentos dependiam dela, inclusive. Não só os bons casamentos, como também melhores colocações no mercado de trabalho. Ser bela, ou seja, magra, passou a ser a melhor moeda de troca (NOVAES, 2006). Olhos e bocas passaram a ser o centro das atenções. A gordura passa a ser associada à velhice e esta, a sinônimo de perda de prestígio:

A obesidade começa a tornar-se um critério determinante de feiúra, representando o universo do vulgar, em oposição ao elegante, fino e raro. Curiosamente, esbeltez e juventude se sobrepõem. Velhice e gordura, idem (PRIORE, 2000, p. 75).

No Brasil, a moda das mulheres loiras chega logo depois da Proclamação da República por uma série de fatores, tais como: o ideal de branqueamento das elites, a chegada de muitos imigrantes (alemães, principalmente) e as teorias arianas que conquistaram parte da elite brasileira. Com isso, aquelas mulheres que não eram brancas, logo arrumavam um jeito de se fazerem brancas, através da utilização de pós, pomadas e do tingimento do cabelo. Pele bonita era sinônimo de pele rosada (PRIORE, 2000).

Após os anos 60, o tema do andrógino ganhou novo destaque. Já que a silhueta em “I” estava na moda, nada melhor do que acentuar o retraimento dos quadris, a diminuição dos seios e aumentar a massa muscular. A principal representante dessa

moda andrógina era a modelo Lesley Hornby, mais conhecida como Twiggy (que, em inglês, significa galho seco).

Pelegrini (acesso em 2008) relata que é nos anos 80 que o culto ao corpo se torna exagerado: ocorre a proliferação das academias e os exercícios passam a ser praticados cotidianamente. Para ser bela, a mulher tinha que praticar muitos exercícios, fazer dietas, estar bronzeada, perfumada, bem-vestida, com seios e abdomens firmes.

Na década seguinte, a situação se torna mais exacerbada; o padrão se torna tão rígido que é praticamente impossível atingi-lo através apenas de dietas e exercícios. A beleza era restrita às adolescentes ou adultas jovens, que exibiam um corpo esquelético, esmaecido. Elas ganham espaço na mídia e se tornam o padrão de beleza vigente.

Como dito acima, tal padrão era quase impossível de ser alcançado pela maioria, através dos meios convencionais. Logo, a beleza passou a ser vendida: cirurgias plásticas e estéticas são feitas com o intuito de esculpir o corpo idealizado.

Alguns números podem ser utilizados para ilustrarmos a venda e o consumo da beleza através de cirurgias plásticas. Segundo Castro (2007), nos anos 90, 85% das mulheres procuravam a cirurgia como meio de modificar o corpo. Mais de uma década depois, uma matéria exibida no programa dominical *Fantástico*, da Rede Globo, em 25 de outubro de 2009, mostrou que 38% das cirurgias plásticas ocorreram em pessoas de 18 a 35 anos. Deste montante, 73% tinham finalidade puramente estética. Isso nos ajuda a pensar que, cada vez mais, as pessoas buscam se adequar ao padrão corporal vigente na atualidade.

Finalmente chegamos ao século XXI, que apenas difundiu os ideais de beleza vindos dos anos anteriores e fez crescer, principalmente nos grandes centros urbanos, o exibicionismo do corpo que antes era escondido (GOLDENBERG, 2005). Andrade, em

seu artigo intitulado “*O culto ao corpo na contemporaneidade*” (acesso em 2009) ressalta:

Considerando a questão da valorização estética do corpo, observa-se que há uma padronização do desejo e da opinião do que seria um corpo ideal. Ou seja, nota-se uma valorização majoritária de um tipo físico específico: um corpo magro, bem definido e o mais próximo possível do padrão da perfeição, tal como ditado pela mídia (p. 1).

Assim, a mulher para ser bela deve se vestir e se pentear de acordo com o que dita a moda naquele momento, deve usar roupas de marca, maquiar-se de acordo com as tendências e, com isso, a beleza se torna uniforme; todas vestidas de modo semelhante, com cabelos iguais e maquiagens também iguais. Só assim, elas se sentirão aceitas pela sociedade.

Como menciona Vigarello (2006) não é exatamente o rigor e a exigência da magreza que contam; o mais importante é a imaginação que se cria em torno dela. A magreza se torna garantia de elegância, flexibilidade e sucesso.

Considerando esses fatos, vemos indícios de como o corpo é mutável, provisório, construído em diferentes tempos, espaços e grupos sociais e passível de transformações que acompanham o desenvolvimento tecnológico e científico de cada cultura. Logo, consideramos também que o corpo é uma construção social, cultural e histórica.

Para resumir esse histórico, podemos mencionar Umberto Eco (2004) que diz que, em todos os séculos, fala-se da beleza ligada, principalmente, à proporção (do tamanho dos corpos e suas partes, por exemplo). Contudo, esse sentido de proporção vai sofrendo modificações ao longo do tempo, o que faz com que a relação entre as partes dos corpos fosse tomando novas formas através dos séculos.

Pode-se dizer ainda que, por vezes, as mudanças que são feitas no corpo através de dietas, exercícios excessivos, plásticas e procedimentos estéticos podem representar toda a rejeição que algumas mulheres sentem pelo próprio corpo e por sua aparência; a busca pela beleza ideal pode levar essas mulheres a utilizarem certos recursos que serão antecessores dos transtornos alimentares – isto é, até que elas descubram as manobras utilizadas pelas anoréxicas ou bulímicas para controlarem o peso.

## **2.2) O OLHAR DO OUTRO PRODUZINDO A BELEZA E A FEIÚRA – DISPOSITIVOS DE CONTROLE:**

Toda cultura apresenta um ideal corporal próprio, que é disseminado entre os membros da sociedade, ajudando a criar um padrão do que seria um corpo dentro das normas e, portanto, belo. Sempre existiu um ideal de beleza muito bem marcado. Em consequência, criou-se que o corpo que está fora desse padrão é feio e precisa ser modificado. Portanto, precisamos entender o conceito de feio na sociedade, já que é justamente da feiúra que a maioria das mulheres quer escapar.

*De aspecto desagradável, desproporcionado, disforme.* É desta forma que a palavra *feio* é definida no Dicionário Balsa da Língua Portuguesa (1981, vol. I, p. 476). Ao lermos tal definição, percebemos que o que é feio é desagradável aos olhos, causa incômodo, não se encaixa nas formas padrão.

Desde a época de Sócrates, essa questão já era discutida: o que é feio não merece ser pensado nem representado. Em seguida, Platão alega que a feiúra apareceria devido a uma perturbação afetiva, um desequilíbrio. Mais tarde, Aristóteles liga a idéia da feiúra ao ridículo (NOVAES, 2006). Podemos perceber, a partir dessas quatro concepções, a desvalorização da feiúra.

Da mesma forma que o ideal de beleza foi se modificando ao longo dos séculos, o que era considerado feio também sofreu mudanças, sem, no entanto, perder a ligação com o ruim. Como mostramos na seção anterior, para Nahoum (1987 *apud* NOVAES, 2006), a comercialização dos espelhos e a importância que o sentido da visão recebeu com relação à representação do corpo foram os dois fatores que possibilitaram essas modificações da imagem social corporal.

No entanto, considero a importância dada ao olhar (principalmente o olhar do outro), sem dúvidas, um divisor de águas. Antigamente, a mulher se preocupava com sua beleza: utilizava roupas, jóias, maquiagens e vários outros artifícios para se fazer bela. Contudo, a beleza, um conceito naturalizado, tornou-se um dever. Nesse sentido, podemos fazer uso do que diz Baudrillard em seu livro “*A sociedade de consumo*”:

A beleza tornou-se para a mulher imperativo absoluto e religioso. Ser bela deixou de ser efeito da natureza e suplemento das qualidades morais. Constitui a qualidade fundamental e imperativa de todas as que cuidam do rosto e da linha como sua alma (1995, p. 140).

Nesse trecho, o autor compara o cuidado com a beleza do corpo às obrigações religiosas de outrora, mostrando que tal cuidado passou a receber uma importância jamais vista. O culto ao corpo é a atual religião da maioria das mulheres e

... aparece como obrigação quase religiosa, o que aponta a coerção social, porém, ao mesmo tempo, possibilita a construção de uma identidade social e de estratégias de distinção, conferindo uma margem de autonomia ao indivíduo frente às imposições sociais (CASTRO, 2007, p. 115).

A partir disso, expor-se ao olhar do outro passou a requerer certos cuidados, afinal, não podemos expor um corpo fora dos padrões, pois corremos o risco de sermos qualificadas como feias, desleixadas. Esse olhar fiscaliza, normatiza e impõem um

padrão estético cada vez mais rígido; diz o que é adequado ou não, próprio ou impróprio.

Mas como um simples olhar pode provocar tantas modificações no corpo e no imaginário feminino?

Foucault, especialmente em *Vigiar e Punir* (1987), fala sobre a fabricação de corpos. Ele mostra, a partir da figura do soldado, o processo de adestramento dos corpos. No início do século XVII, ele ainda era visto como corajoso e vigoroso. Já na segunda metade do século seguinte, seu corpo passa a ser tomado como algo manipulável.

O corpo é, então, descoberto como um campo no qual poderia ser exercido o poder. Surge aí a aplicação da noção de docilidade ao corpo. Junta-se o corpo que pode ser analisado, observado, ao corpo que pode ser manipulado, utilizado, transformado e, finalmente, melhorado.

No entanto, como vimos em capítulo anterior, o corpo sempre foi palco de investimentos e experimentações. Se isso sempre aconteceu, o que o século XVIII traz de tão novo para esse campo? Em primeiro lugar, podemos mencionar o controle, que não se resume, apenas, ao cuidado do corpo como se este fosse uma massa indissociável; trata-se muito mais de trabalhá-lo incessantemente, detalhe por detalhe.

Secundariamente, podemos falar da coerção que é exercida ininterruptamente sobre os processos das atividades realizadas pelo corpo e que esquadrinha, ao máximo, o tempo e o espaço dos movimentos. A intenção é que estes últimos sejam corrigidos de forma incessante até que se tornem mecanicamente mais eficazes, ágeis e ativos.

A partir disso, surge a disciplina, que supõe um dispositivo que obrigue a criação de corpos submissos e exercitados, chamados por Foucault de “corpos dóceis”. De fato, a disciplina já era encontrada em conventos, exércitos e oficinas. A diferença entre estas

disciplinas e aquela exercida sobre os corpos reside no fato de que, neste momento, aflora uma arte do corpo humano

que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Ou seja, há a formação de corpos submissos, que operam da maneira como se deseja, no momento em que se deseja. O controle exercido é tão grandioso que se definem a posição dos corpos, dos membros, das articulações; os movimentos têm sua amplitude e direção determinadas além da ordem de sucessão. Corpo disciplinado é sinônimo de gesto eficiente (maior qualidade em menor tempo). Vemos por essa descrição que a disciplina é um poder que se exerce através do adestramento dos corpos.

O sucesso do poder disciplinar pode ser creditado ao uso de instrumentos deveras simples, a saber: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e, por fim, o exame. Dissertaremos brevemente sobre cada um deles.

Na vigilância hierárquica, a disciplina obriga pelo jogo do olhar; é um aparelho no qual as técnicas de ver levam a efeitos de poder. No decorrer do século XVIII, alguns observatórios foram surgindo lentamente. Foucault (1987) nos dá como exemplo, o acampamento militar, no qual os olhares deviam ver sem serem vistos. Há uma visibilidade geral, propiciada pela disposição das tendas, a orientação de suas entradas, a geometria de suas alamedas: cada olhar se transforma em uma peça fundamental no funcionamento geral do poder.

Com o passar do tempo, a arquitetura das construções foi sendo modificada devido ao sucesso do processo de visibilidade; elas não mais serviam somente para serem vistas e apreciadas nem, tampouco, para vigiar o espaço exterior. Nesse

momento, a função primordial das construções era a de tornar visíveis aqueles que se encontravam dentro delas. Assim, asilos, prisões, escolas, hospitais e tantas outras edificações foram ganhando a forma dos acampamentos militares descritos por Foucault (1987).

Para finalizar, podemos dizer que é graças às técnicas de vigilância que o domínio do corpo se torna efetivo e, o mais importante, sem o uso de força ou violência.

O segundo instrumento utilizado pela disciplina é a sanção normalizadora. Todo poder disciplinar traz consigo a idéia de algum tipo de punição – *mecanismo penal*, se quisermos fazer uso das palavras de Foucault. No entanto, a disciplina pune através da inobservância, da classificação de tudo que se afasta da regra. Sua função é a de reduzir os desvios, ou seja, a punição advinda do poder disciplinador tem caráter essencialmente corretivo. Tais desvios são corrigidos por meio de repetições dos exercícios, o que promove um aprendizado intensificado.

Se existe uma punição pelos desvios existe, também, a gratificação. Daí, pode-se dizer que a punição, na disciplina, é um sistema duplo: gratificação-sanção. De acordo com ele, podemos marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, competências e aptidões, castigar e recompensar (FOUCAULT, 1987).

Em síntese, a arte de punir na disciplina acaba criando um campo propício para o surgimento de uma regra que deve ser seguida no intuito de se evitar os desvios, além de dar margem para o aparecimento de comparações e diferenciações.

O exame também é utilizado pela disciplina como instrumento. Ele combina as técnicas da vigilância e da sanção normalizadora, fazendo com que os indivíduos sejam diferenciados e sancionados.

É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação,

de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória (FOUCAULT, 1987, p. 171).

A partir do exposto, podemos falar que Foucault (1987) já anunciava os efeitos avassaladores da introjeção do olhar do outro. Apenas um olhar; mas um olhar que *vigia*. É tudo o que é preciso para que a pessoa, sentindo o olhar do outro pesar sobre si mesmo e sobre sua imagem, comece a se observar e observar os outros.

Podemos relacionar a teoria de Foucault com o nosso estudo dizendo que as pessoas que fazem exercícios físicos, dietas restritivas e participam de programas de emagrecimento, por exemplo, têm de ter muita disciplina para que consigam atingir o objetivo almejado. Com isso, tal como explicitado por Baudrillard (1995), podemos dizer que o corpo se torna uma ameaça e precisa ser vigiado e mortificado para fins estéticos. Fabricam-se, portanto, corpos que se sujeitam a todo tipo de “punição” para serem considerados belos.

Assim, a disciplina inicialmente é aprendida, mas, com o passar do tempo, o sujeito incorpora todas essas ações e passa a reproduzi-las no seu dia-a-dia sem maiores questionamentos ou reflexões acerca do que está fazendo. Isso ocorre porque, como já dissemos, atualmente existe uma responsabilidade moral em ser bela. É naturalmente veiculado que a imagem ideal pode ser atingida por todas; é fácil, basta querer (SIQUEIRA & FARIA, 2007; GOLDENBERG & RAMOS, 2007). Essa noção de facilidade acarreta muitas outras coisas. Uma mulher considerada bela traz consigo atributos como felicidade, sucesso, auto-estima elevada, confiança. Ao contrário, o fracasso na busca pela perfeição gera responsabilização e culpabilização do próprio indivíduo, além de outras condenações morais, já que falhar significa, dentre outras

coisas, que aquela mulher não teve força de vontade para se tornar bonita. Formiga em seu artigo “*O design do corpo como determinante da identidade feminina*”, aponta que:

Corpos gordos, flácidos e moles refletem uma personalidade fraca, enquanto um corpo trabalhado, esbelto e longilíneo significa controle de si mesmo, determinação, força de vontade, poder de sedução... não há espaço para pessoas fracas, gordas; só terá sucesso quem tiver controle de si, quem for magro (2003, p. 2).

Os corpos dóceis de que fala Foucault são justamente esses que podem ser transformados e aperfeiçoados, no intuito de diminuir os desvios, como já dito anteriormente. Quanto mais trabalhado, quanto mais dentro dos padrões específicos determinados pela sociedade disciplinadora, mais recompensas serão conquistadas.

Ainda nessa temática de responsabilidade/culpa que é atribuída às mulheres, podemos citar novamente Baudrillard:

Se não cumprir as devoções corporais, se pecar por omissão, será castigada. Tudo o que sofre é por irresponsabilidade censurável para consigo mesma (1995, p. 138).

Pessoas gordas e/ou flácidas passam a idéia de serem indisciplinadas, sem força de vontade, negligentes com a tarefa de se enquadrarem no padrão estético, incapazes de administrarem dietas e exercícios de forma correta. São taxadas de fracassadas, doentes e incompetentes (FORMIGA, 2003; NOVAES, 2006; GARRINI, 2007; GOLDENBERG & RAMOS, 2007; SIBILIA, 2004). Mulheres que não cultivam a beleza são desprovidas de vaidade. Portanto, a feiúra desqualifica, exclui, constrange.

Um ponto que deve ser reiterado neste momento é que a pessoa está indiscutivelmente imersa no social. Assim, ao mesmo tempo em que se diz que o indivíduo tem inúmeras possibilidades de escolha, infinitos caminhos a seguir e uma grande liberdade, ele está, sem dúvidas, preso ao meio social em que vive. O corpo pode

assumir formatos e belezas diferentes, dependendo da cultura em que se insere. Ele é resultante dos processos sociais, o que nos remete ao referencial teórico adotado neste estudo: a pessoa, ao se relacionar com o meio ambiente, é atravessada por todos os parâmetros históricos e culturais, o que a leva a construir sentidos e significados para seu corpo.

Portanto, podemos resumir essa seção dizendo que, cada vez mais, as mulheres se preocupam em satisfazer o desejo do outro, se adequar ao olhar do outro para com isso, se sentirem aceitas e inseridas socialmente no grupo das mulheres belas. Seria a relação que Matos (2004) estabelece entre normalidade estética e aceitabilidade social. Essa sensação de satisfação e inclusão lhes provoca um sentimento de bem-estar; ao mesmo tempo em que a mulher agrada o outro, ela agrada a si mesma. Nas palavras de Barthes (1982 *apud* NOVAES, 2006, p. 101) “*meu corpo é para mim mesmo a imagem que eu creio que o outro tem deste corpo*”; cada um passa a ser aquilo que mostra, já que é na superfície do corpo, na pele, que se encontra a verdade sobre cada um e sua interioridade e subjetividade (MEDINA, 2007; SIBILIA, 2004).

Malysse (2007), citando sua pesquisa realizada no Rio de Janeiro, percebeu a mesma coisa: a visão do corpo do outro influencia a percepção que cada um constrói sobre seu próprio corpo. O que os outros pensam sobre nós será tanto melhor se possuímos uma bela aparência.

Nesse sentido, as tecnologias de produção de imagem e os meios de comunicação de massa têm exercido grande influência sobre a imagem corporal feminina principalmente. É isso que será trabalhado agora.

### **2.3) A MÍDIA INFLUENCIANDO E PROPAGANDO OS IDEAIS DE BELEZA:**

Se quisermos entender minimamente as transformações ocorridas e o atual culto ao corpo magro da sociedade contemporânea, temos de considerar o que a cultura moderna está impondo aos sujeitos como valores e normas a serem seguidos. De uma forma geral, podemos tomar o exemplo dos meios de comunicação de massa para demonstrar que ideal corporal é hoje amplamente difundido.

A partir de meados do século XX, os meios de comunicação começaram a ganhar mais força com o advento da industrialização. Cinema, fotos, jornais, revistas, televisão... A difusão desses novos elementos possibilitou a crescente disseminação de ideais de beleza para um número cada vez maior de pessoas.

Atualmente, não podemos negar que a mídia tem grande influência sobre a vida da maioria de nós. É através dela que ficamos sabendo dos fatos que ocorrem no mundo. Televisão, jornais, revistas, *outdoors* e Internet são fontes de informação das quais ninguém mais pode ficar alheio.

Através desses meios de comunicação de massa, o corpo tem se tornado alvo da criação de representações, de imaginários sobre o modo como ele é visto, desejado, vendido e consumido. Vendo a imagem desses corpos veiculados hoje em dia, os espectadores (crianças, adolescentes, mulheres jovens, por exemplo) tomam para si tais representações e criam sentidos e significados para seus corpos. Na verdade, tomam aquelas imagens (corpos de modelos fotográficos, atrizes) como modelo a ser seguido e tentam imitar desde a forma de vestir até o comportamento das pessoas famosas.

Na “sociedade das imagens” (BRUNO & PEDRO, 2004) na qual vivemos, cria-se uma permanente insatisfação com os corpos, já que todas as imagens veiculadas são perfeitas – o que não significa que sejam reais. Toda essa aparente perfeição estimulada pela própria mídia faz com que seja incessante a busca pela perfeição corporal: as

novelas (cujas personagens principais são sempre belas e magras) e as capas de revistas instigam as jovens a fazerem dietas muito restritivas, exercícios excessivos, dentre outras práticas afim de alcançarem a tão sonhada perfeição.

Isso ocorre, pois cada vez mais, a interioridade e subjetividade do sujeito, estão ligadas àquilo que temos de mais externo: a aparência física. Não estamos aqui dizendo que a interioridade e subjetividade do sujeito já estavam prontamente constituídas e decidiram se expor. A questão está para além disso: a produção da subjetividade bem como a própria produção do sujeito se dão no momento da exposição do corpo, no momento em que o sujeito se faz visível, portanto, como exterioridade (BRUNO & PEDRO, 2004; PEDRO, 2009).

As revistas femininas, como já mencionamos, são bons exemplos dessa criação de representações acerca do corpo. Estampam em suas capas fotos de mulheres magras, com corpos musculosos e firmes e fazem o anúncio (geralmente em letras grandes e coloridas) de dietas quase milagrosas:

Barriga sequinha, desenhada, sexy... a aula, os alimentos, os truques.  
CORRA: A receita para secar 10 kg (Capa da revista Boa Forma, Julho de 2009).

Fique feliz com seu corpo – o guia definitivo com os *looks* certos para alongar, afinar e valorizar a sua silhueta (Capa da revista Manequim, Agosto de 2009).

6 NOVIDADES que tiram a fome e a barriga (Capa da Revista Viva! Mais, Agosto de 2009).

MENOS QUILOS em menos tempo – perca peso como um homem e queime calorias mais rápido (Capa da Revista Women's Health, Julho de 2009).

A partir desses poucos exemplos, podemos inferir que as mulheres são persuadidas – e, por que não dizer, quase coagidas – a alcançarem a aparência ditada

pela mídia, que passa a ser socialmente aceita, mesmo que para isso sejam necessários intensos exercícios, dietas muito rígidas e até cirurgias plásticas.

A persuasão é, de fato, uma estratégia utilizada pelos meios de comunicação de massa. DeFleur e Ball-Rokeach (1993) relatam que é comum fazer uso de uma ameaça à saúde com o objetivo de vender um produto e diminuir, assim, o receio de não ser socialmente aceita. Na grande maioria das vezes, essa persuasão é feita através da utilização de verbos no imperativo (corra, perca, queime); é praticamente uma ordem que acaba por diminuir a liberdade de escolha das leitoras (GOMES & SILVA, 2005 *apud* SANTOS, 2008).

Como pudemos observar pelas matérias das revistas exemplificadas acima, o que interessa é o resultado e somente ele. Todo o esforço e até sacrifício empregados para emagrecer não são valorizados; “... *o espetáculo do resultado das transformações (a conversão do corpo), ou seja, o corpo convertido ao modelo é o espetáculo*” (SIQUEIRA & FARIA, 2007, p. 179).

Resultado este que nem sempre é real. Sabe-se que, na grande maioria das vezes, a mídia lança mão de recursos de informática (o programa de edição de imagens Photoshop, por exemplo) para corrigir o que eles mesmos chamam de “algumas imperfeições”. Para usar as palavras da autora Paula Sibilia (2004; 2005), a correção dessas imperfeições está ajudando a criar um ideal de “pureza digital”. Isso acontece porque a mídia tem a finalidade de promover os produtos, vender as marcas e aumentar o faturamento das indústrias (SAMARÃO, 2007).

Falando-se em Photoshop, no dia oito de outubro de 2009, foi veiculada uma matéria no Jornal O Globo (versão *online*) intitulada “*Uso do Photoshop em anúncios e revistas femininas gera polêmica nos EUA e na Europa*”. O início da matéria mostra que tanto anunciantes quanto editores afirmam que homens e mulheres não gostam de

ver corpos “normais” estampados nas publicações. No entanto, esta mesma matéria afirma que pesquisas feitas nos EUA revelaram que toda essa exposição de corpos magros diminui a auto-estima feminina e promove o aumento de casos de transtornos alimentares. Tal discussão foi suscitada pela nova campanha da marca Ralph Lauren. Uma de suas modelos, ao entrar na passarela, deixava a nítida impressão de que sua cabeça era maior que seus quadris, de tão magra que estava.

Além disso, outros fatos como, por exemplo, o caso da modelo Gisele Bündchen, que teve sua barriga de cinco meses de gravidez retirada após a edição de imagens na campanha da marca London Fog, fizeram com que o Parlamento Britânico e o Congresso Francês se manifestassem. O primeiro proibiu a veiculação de anúncios que tivessem sido modificados digitalmente, enquanto o segundo quer que avisos sejam colocados em propagandas que tenham sido modificadas através da edição de imagens. Sobre isso, podemos citar a entrevista de Valérie Boyer, deputada francesa, veiculada pela Revista Galileu em novembro de 2009. Na matéria intitulada “*O Photoshop faz mal à saúde*”, Valérie diz que é necessário que se avise em propagandas, revistas ou jornais quando uma foto for modificada, para que o público tenha consciência dos limites entre a imagem real e a virtual. Alega que, na atualidade, a beleza é unificada; todas as mulheres devem seguir um padrão único que, na grande maioria das vezes é inacessível. Tal projeto de lei visa a saúde pública, com o objetivo de

... prevenir distúrbios de saúde, já que a pressão da imagem irreal sobre as mulheres, sobretudo, pode ser um fator de frustração e provocar problemas psicológicos e alimentares (como a anorexia ou bulimia); e advertir o consumidor para que ele saiba se o que está consumindo é uma imagem verdadeira ou não.

O vídeo “*Veja como se faz um outdoor*”, disponível no *site Youtube*, retrata de forma brilhante essa realidade da edição de imagens da qual estamos nos referindo.

Uma mulher de pele branca e cabelos loiros é maquiada e fotografada. Ao final da sessão de fotos, estas são repassadas ao computador e, com a ajuda dos recursos mencionados acima, ela tem seu pescoço alongado, seus olhos aumentados e seus cabelos preenchidos para aparentarem maior volume.

A beleza exposta no outdoor não é real, aliás, como aponta Malysse (2007), o corpo que a mídia apresenta não é real; é de mentira, calculado, medido e artificial. Mas sua excessiva exposição e o desejo que acaba sendo suscitado fazem com que os indivíduos (consumidores em potencial dos produtos ofertados) o tornem legítimo e uma necessidade absoluta. Analisando o relato desse autor, encontramos semelhanças com o discurso apresentado por Sibilia (2004) que diz:

Todos os “defeitos” e outros detalhes demasiadamente orgânicos presentes nos corpos fotografados são eliminados, retocados ou corrigidos na tela do computador... Assim, as imagens expostas no mercado de produtos, serviços e aparências aderem a um ideal de pureza digital, longe de toda imperfeição toscamente analógica e de toda viscosidade exageradamente orgânica. Esse modelo digitalizado – e, sobretudo, *digitalizante* – hoje extrapola as telas para impregnar os corpos e as subjetividades, pois as imagens assim editadas se convertem em objetos de desejo a serem produzidos na própria carne virtualizada.

A partir disso, a mídia faz parecer com que não haja outro caminho a ser seguido que não essa perseguição sem fim à um corpo perfeito. A não perseguição traz um sentimento de fracasso, incapacidade.

Cria-se, então, o que DeFleur e Ball-Rokeach (1993) chamam de dependência da mídia: para darem respaldo a crenças, conceitos e identidades, as mulheres utilizam as informações que lhes são passadas, com o intuito de reforçarem seus comportamentos em busca da magreza e perfeição corporal. O discurso que elas proferem tem sempre um tom defensivo e isso pode ser observado através da leitura de alguns *blogs*, por exemplo, já que, como afirma Bauman (2005), elas (estando em

minoria) têm de defender suas identidades de uma maioria (mais poderosa e dotada de maiores recursos).

Portanto, graças à supremacia das imagens e da aparência é criada uma nova forma de relação e percepção do corpo, que facilita a instalação da tirania da boa forma e perfeição física. A mulher deve ser bela, jovem e saudável. O contrário disso gera culpa e responsabilização, como já explorado em capítulo posterior. Resultado disso? Podemos pensar em inúmeros transtornos que ganham maior visibilidade nos dias de hoje, não por serem novos acontecimentos, mas por causa do aumento de suas incidências, principalmente na população feminina jovem.

#### **2.4) OS TRANSTORNOS ALIMENTARES:**

Os transtornos alimentares mais bem conhecidos e estudados na atualidade são a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa e o Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica. Eles são caracterizados por um comportamento alimentar gravemente perturbado e por sérias complicações clínicas (APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000). Classificados como distúrbios da conduta alimentar, vêm apresentando elevada prevalência na população, principalmente entre a população feminina jovem (BORGES e cols., 2006; APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000). Dados da OMS, divulgados no ano 2000, revelaram que entre 1 a 2% de meninas jovens sofrem de anorexia ou bulimia e que, entre essas, o risco de suicídio aumenta em vinte vezes, quando comparados a pessoas que não apresentam distúrbio algum.

A maioria dos *blogs* pesquisados para este estudo pertence a jovens que se denominam “*anas*” e/ou “*mias*”, mas que não se reconhecem como sendo portadoras de um transtorno alimentar. Por essa razão, nos ateremos a uma breve descrição da anorexia e da bulimia.

### 2.4.1) Anorexia Nervosa:

O termo anorexia surge do grego *orexis* (que significa apetite) acompanhado pelo prefixo *an* (que quer dizer provação, negação). Dizemos que pessoas que sofrem desse distúrbio praticam a recusa alimentar conscientemente de forma rígida e auto-imposta, no intuito de evitarem engordar.

A primeira descrição sobre a anorexia surgiu em 1860, através do trabalho desenvolvido pelo psiquiatra francês Louis-Victor Marcé intitulado “*Note sur une forme de delire hypochondriaque consécutive aux dyspepsies et caracterisé principalement par le refus d'aliments*”. Seu trabalho relata, de forma a não deixar dúvidas, características predominantes apresentadas pelas jovens possuidoras dessa patologia:

... meninas que no período da puberdade e após um desenvolvimento precoce se tornam sujeitas à inapetência levadas ao limite máximo... essas pacientes chegam a uma convicção delirante de que não podem ou não devem comer... a desordem gástrica se torna cérebro-nervosa... não é mais o estômago que requer atenção porque o estômago é capaz de digerir e sofre apenas da necessidade de comida... é a idéia delirante que constitui o ponto de partida e está na essência da doença, as pacientes não estão mais dispépticas – elas estão insanas... (MARCÉ, 1860 *apud* ABUCHAIM, In: NUNES e cols, 1998).

Depois de tal estudo, a anorexia foi classificada como entidade psiquiátrica e, no ano de 1873, Sir William Gull e Ernest-Charles Laségue, na Inglaterra e França, respectivamente, fazem a primeira descrição da patologia.

Apesar dessas descrições e relatos – que sem dúvida trouxeram contribuições de suma importância à temática – nenhum deles mencionou o medo mórbido de engordar presente nas mulheres. O primeiro a mencionar tal fato foi Charcot quando, ao examinar uma de suas pacientes, encontrou uma fita cor de rosa amarrada em sua cintura, significando que aquela era uma medida que não deveria de forma alguma ser

ultrapassada. Esta paciente tinha medo de ficar tão gorda quanto sua mãe. A essa nova característica, Charcot deu o nome de *idéé fixe d'obésité*.

Desde essas primeiras definições, muitas modificações ocorreram, tanto que, até 1969, não havia um consenso sobre que critérios serviriam de base para que o diagnóstico da anorexia pudesse ser feito. Contudo, a partir desta data, muitos estudos foram sendo realizados e, atualmente, utiliza-se os dados trazidos pelo DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4ª edição), a saber:

1. recusa em manter o peso corporal em um nível igual ou acima do mínimo indicado para a idade e a altura da pessoa. Como consequência, temos uma acentuada perda de peso. Esse impulso para a magreza se faz necessário no momento do diagnóstico, embora a quantidade de peso perdida ainda não esteja bem definida;
2. medo mórbido e intenso de engordar e a preocupação com o peso e a aparência física;
3. perturbação no modo de vivenciar o peso ou a forma corporal; uma auto-avaliação é erroneamente feita e aceita por quem a formulou como se fosse verdade. Ocorre a negação do baixo peso corporal;
4. alterações endocrinológicas. Nas mulheres pós-menarca ocorre a interrupção dos ciclos menstruais (amenorréia) devido à perda de peso e de gordura. A ausência de três ciclos consecutivos caracteriza essa condição.

Geralmente, a anorexia inicia-se através de uma dieta constante que, primeiramente, tem o objetivo de evitar a ingestão de alimentos que engordam, principalmente os carboidratos (NUNES & RAMOS, In: NUNES e cols, 1998; APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000; BORGES e cols, 2006). Em pouco tempo, a

jovem passa a viver exclusivamente em função dessa dieta, da comida, do peso e da forma corporal. Sentimentos de insatisfação com sua própria imagem e a sensação de estar gorda são muito comuns.

Como é habitual nesses distúrbios, mesmo estando muito magras e escutando de outras pessoas que emagreceram, as meninas continuam se achando gordas, corroborando o fato de que existe uma intensa distorção da imagem corporal; ao se olharem no espelho, elas não conseguem perceber o quão magras estão e são tomadas por sentimentos de repulsa com relação ao próprio corpo. Por causa disso, o curso da doença é marcado por uma perda de peso contínua e o ato de alimentar-se assume características de verdadeiros rituais (APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000).

Existe uma gama de sintomas que podem ser relatados; exemplificaremos apenas alguns: intolerância ao frio, fadiga, queda de cabelo, constipação, dor abdominal, letargia, pés e mãos frios, dificuldade de concentração, entre outros. Ao exame físico, os principais achados se relacionam à pele seca, desnutrição, bradicardia, hipotensão, bradipnéia e edema de membros (BORGES e cols., 2006). Da mesma forma, uma gama de práticas podem ser descritas, sendo a prática de exercícios uma das mais comuns e que tem por objetivo a queima de calorias (APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000).

Pesquisas epidemiológicas nos trazem dados de que a anorexia nervosa acomete principalmente mulheres jovens. A idade de início tem sido amplamente relatada entre os 13 e os 17 anos (BORGES e cols., 2006), mas a forma pré-puberal já começa a ser documentada.

Segundo Hay (2002), Appolinário e Claudino (2000), Pinzon e Nogueira (2004) e Morgan e Azevedo (1998), a prevalência de anorexia nervosa na população feminina

gira em torno de 0,5%. Já as taxas de mortalidade podem chegar a 20% (BORGES e cols., 2006).

#### **2.4.2) Bulimia Nervosa:**

O termo bulimia surge de *bou* (grande quantidade) ou de *boul* (boi) e *limos* (fome) fazendo menção a uma “fome de comer um boi”. Da mesma forma que na anorexia, as pacientes com bulimia também apresentam uma preocupação exagerada com relação ao peso e a forma corporal.

Gull, que já tinha feito uma das primeiras descrições sobre a anorexia, foi também o primeiro a relatar um comportamento com características bulímicas em uma de suas pacientes, por volta do ano de 1874:

Ocasionalmente, por um dia ou dois, o apetite era voraz, mais isto era raro e excepcional (GULL, 1874, p. 23 *apud* ABUCHAIM, In: NUNES e cols. 1998).

Tempos depois, em 1979, Russell publica o trabalho intitulado *Bulimia Nervosa: An Omnious Variant of Anorexia Nervosa*, descrevendo algumas características freqüentemente apresentadas por 30 pacientes: sofrer de um impulso irresistível de comer excessivamente, procurar evitar os efeitos “engordantes” da comida através de vômitos ou abuso de purgativos e, por último, medo mórbido de engordar. E foi mais longe; relatou as diferenças encontradas observando essas pacientes e comparando-as com as pacientes anoréxicas. Os resultados foram: as pacientes bulímicas apresentam uma tendência maior ao sobrepeso, eram mais ativas sexualmente, o ciclo menstrual era mais regular e elas se mantinham férteis.

A bulimia pode ser caracterizada por um comer voraz que está estreitamente associado a uma série de estados emocionais ou situações estressantes. Esses episódios

receberam o nome de *binge-eating* ou *binges*, que não têm tradução adequada para o português.

Esses *binges* são episódios descritos como verdadeiras “orgias alimentares”, nos quais a paciente come descontroladamente e de forma muito rápida. O episódio cessa devido a sensações de mal-estar físico, pela chegada de alguma pessoa (geralmente os *binges* ocorrem de forma secreta) ou pelo fim dos alimentos.

Para o diagnóstico, utilizam-se duas características que devem se fazer presentes. São elas:

- 1ª) a ingestão de grande quantidade de alimentos em um período muito curto de tempo (em geral, menos de duas horas);
- 2ª) a sensação de perda de controle sobre a ingestão alimentar. Muitas vezes essa característica subjetiva é considerada como sendo mais importante do que a quantidade de alimento ingerida.

Depois de analisadas essas duas condições prévias, pode-se verificar a presença ou ausência dos seguintes critérios diagnósticos, estabelecidos também pelo DSM-IV:

1. episódios recorrentes de compulsão periódica, que incluem os dois aspectos acima mencionados;
2. comportamento compensatório inadequado e recorrente utilizado para prevenir o ganho de peso como, por exemplo, auto-indução de vômitos, uso de laxantes, diuréticos, enemas ou outros medicamentos, jejuns e exercícios excessivos;
3. tanto a compulsão quanto os comportamentos compensatórios devem ocorrer, em média, pelo menos duas vezes por semana, durante três meses;

4. a forma e o peso do corpo têm influência direta e decisiva sobre a avaliação que a paciente faz dela própria; é uma auto-avaliação incorreta;
5. o distúrbio não ocorre exclusivamente durante episódios de anorexia nervosa.

A forma pela qual a bulimia nervosa pode se instalar pode advir de uma real necessidade de emagrecer ou de uma necessidade imaginária; contudo, podemos perceber que ambas se relacionam a uma insatisfação por parte da paciente com relação a sua imagem corporal.

Geralmente, as pacientes bulímicas fazem uma auto-avaliação levando em conta somente a forma corporal que apresentam o que, conseqüentemente, gera baixa auto-estima pelo fato delas não se sentirem satisfeitas com sua imagem, já que, para elas, esta não condiz com os padrões sociais vigentes. Podemos pensar, então, que a auto-estima depende quase exclusivamente da forma corporal e dos métodos empregados por elas para alcançar seu ideal. Outros sentimentos e características pessoais não têm valor. O resultado de toda essa auto-depreciação é um isolamento social progressivo.

Além disso, as jovens se impõem uma dieta alimentar muito restritiva (em torno de 200 a 300 kcal por dia). E como seus organismos ainda não estão acostumados a tanta privação, depois de algumas horas sem comer, a fome que elas sentem é muito grande, o que as impele a comer compulsivamente.

Em se tratando dos métodos que as jovens utilizam para evitar engordar, a indução do vômito é o mais comum; cerca de 90% das pacientes faz uso desse mecanismo (APPOLINÁRIO & CLAUDINO, 2000) que, além de evitar os efeitos “engordativos” dos alimentos, ainda alivia o desconforto físico trazido pela superalimentação.

Ineficaz, porém bastante utilizado, são os laxantes. Eles, simplesmente, fazem com que as jovens percam peso através da eliminação de líquidos. No entanto, todo o peso perdido é facilmente readquirido através da ingestão hídrica.

Existem, ainda, aquelas jovens que não fazem uso de nenhum desses métodos; somente alternam dietas muito restritivas ou jejuns aos episódios de *binges*. Os exercícios físicos excessivos também são muito frequentemente relatados.

Appolinário e Claudino (2000) apontam para evidências de que a bulimia acomete principalmente mulheres brancas, adolescentes e jovens, com uma prevalência de 1,1% a 4,2% nessa população. Entretanto, o início dos sintomas parece se dar mais tardiamente, quando comparado aos sintomas anoréxicos: por volta dos 18 anos de idade.

#### **2.4.3) Etiologia:**

Conforme dito anteriormente, os transtornos alimentares apresentam uma etiologia multifatorial, ou seja, *“são determinados por uma diversidade de fatores que interagem entre si de modo complexo, para produzir e, muitas vezes, perpetuar a doença”* (MORGAN, VECCHIATTI & NEGRÃO, 2002). São fatores de ordem psicológica, somática, genética, familiar e sociocultural (o que inclui também práticas como as dietas e eventos estressores).

Destes, farei algumas observações sobre os aspectos psicológicos, socioculturais e as dietas e eventos estressores, que podem enriquecer a discussão sobre os dados coletados.

#### **2.4.3.1) Aspectos psicológicos:**

A anorexia e a bulimia possuem características em comum: a intensa preocupação com o ganho de peso e o uso de algumas estratégias para prevenir esse aumento de peso. No entanto, não podemos reduzi-las apenas aos sintomas relacionados aos alimentos. Geralmente, esse é somente um pequeno aspecto no meio de outros problemas psicológicos e sintomas psiquiátricos que precisam ser corretamente detectados e abordados.

Um ponto de vista é apresentado por Buckroyd (2000), que considera que a relação conflituosa que se estabelece entre a paciente e a comida apresenta um significado para além do propósito manifesto de emagrecer. A anoréxica está extremamente magra, mas permanece dizendo que precisa emagrecer; já a bulímica pode apresentar um peso dentro da faixa de normalidade e, mesmo assim, continuará afirmando que necessita perder peso, pois está gorda. Ou seja, tanto a anoréxica quanto a bulímica procuram desesperadamente um padrão de magreza que nunca alcançarão de fato, já que nunca estão satisfeitas com seu peso e imagem. Justamente por este fato, a autora diz que tais transtornos servem a algum outro propósito que não simplesmente a magreza; talvez sejam meios de lidar com sentimentos, pensamentos e lembranças difíceis.

Tudo isso deixa transparecer um estado psicológico frágil, que pode ter início por medo (real ou imaginário) ou por sentimento de inadequação que se mostra insuportável. As mudanças ocorridas na puberdade podem ser fatores precipitantes e, muitas vezes, fatores corriqueiros também.

Em grande parte dos casos, os sintomas, de início, confortam a paciente, dando-lhe uma falsa sensação de controle e competência. Aos poucos, ocorre o afastamento de

familiares e amigos e, com a evolução da doença, ocorre a transição do mundo exterior para um mundo de preocupações com o peso, comida e corpo.

#### **2.4.3.2) Aspectos socioculturais:**

Dedicamos um capítulo anterior a esse tema, portanto, não vamos nos deter a isso novamente. No entanto, não podemos deixar de ressaltar que a pressão cultural para se ter um corpo esbelto, juntamente com os outros fatores, está na base da etiologia dos transtornos alimentares. Todos eles juntos favoreceriam um ambiente propício que faria aflorar toda a preocupação com o corpo e o pavor de engordar, tão característicos dessas patologias.

#### **2.4.3.3) Dietas e eventos estressores:**

As dietas são consideradas pela maioria dos autores como os principais fatores que ajudam na precipitação dos transtornos alimentares. São práticas comuns nas sociedades em que predomina o ideal da magreza.

Isoladamente, as dietas não têm o poder de desencadear um episódio de bulimia ou anorexia. Mas, se em interação com os outros fatores já mencionados, podem dar início a um círculo vicioso (principalmente no caso da bulimia), no qual a dieta vira um artifício que possibilita o comer compulsivo: os impulsos para comer descontroladamente não precisam mais ser refreados, pois tal compulsão será seguida por uma dieta (ou *no food*, como é chamada pelas pacientes). Com isso, as dietas aumentam as chances de uma posterior compulsão alimentar, no caso da bulimia.

Já no caso da anorexia isso se dá de forma um pouco diferente. Existem pessoas que conseguem aumentar cada vez mais o seu tempo de restrição alimentar, o que possibilita o aparecimento de uma conseqüente desnutrição.

Os fatores estressores também são considerados como precipitantes dos transtornos alimentares. Morgan, Vecchiatti e Negrão (2002) consideram que tanto a bulimia quanto a anorexia parecem ser precedidas por eventos que desorganizam a vida da pessoa ou que ameaçam sua integridade física (como, por exemplo, doenças e abuso sexual), já que reforçam sentimentos de insegurança e inadequação.

## **2.5) A INTERNET NOS PRESENTEIA COM OS *BLOGS*:**

### **2.5.1) O surgimento da Internet e o nascimento dos *Blogs*:**

Não podemos falar dos *blogs* sem antes falarmos daquela que é a hospedeira desses *sites*, a Internet.

Época da Guerra Fria. Estados Unidos e União Soviética disputavam para ver quem possuía maior poderio tecnológico. Em 1975, a segunda nação em questão lança o Sputnik, mostrando certa superioridade em matéria de tecnologia. Em resposta a isso, os EUA começam a incentivar financeiramente muitas universidades que desenvolviam projetos de pesquisa nessa área (CASTELLS, 2004).

Em 1958, a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) formada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos lança as origens da Internet, a Arpanet que, até então, era uma pequena rede de computadores desenvolvida por pesquisadores que tinham por objetivo estudar e estimular a computação interativa (ibid.). Em instante posterior, a Arpanet mudou seu nome para Arpa-Internet.

Após esse primeiro momento, muitos avanços foram sendo feitos, muitas modificações nesse sistema foram realizadas e, com isso, a Arpanet se tornou obsoleta. Nessa ocasião, a Internet já não era mais usada somente para fins militares e, em 1990, a maioria dos computadores dos Estados Unidos tinha a capacidade de entrar em rede, o que facilitou sua disseminação. Muitos provedores surgiram e estabeleceram portas de

comunicação (CASTELLS, 2004) e a Internet só fez crescer. Mas, o fator primordial que fez com que a Internet alcançasse e integrasse o mundo todo, foi o desenvolvimento do *www*, que ocorreu na mesma época.

Ainda segundo Castells (2004), cinco anos depois, ou seja, em 1995, com a criação de inúmeros programas que davam total liberdade e segurança aos usuários para baixarem programas e navegarem pela rede, a Internet ganhou o mundo.

E se a Internet não é uma ferramenta antiga, a história dos *blogs* também não poderia ser. Não encontramos dados muito precisos e tudo o que se encontra sobre seu surgimento e desenvolvimento nos é fornecido através de outras páginas da Internet. Sabe-se que Jorn Barger foi pioneiro ao usar o termo *Weblog*, no ano de 1997. Mas foi em 1999 que Peter Merholz criou a abreviação *blog*, a partir de uma brincadeira que estava fazendo em sua própria página. Para formar a frase “nós blogamos”, ele desmembrou a palavra *weblog*, transformando-a em *we-blog*. A partir daí, centenas de pessoas começaram a fazer uso desta nova terminologia. De fato, segundo Reis (acesso em 2009), os *blogs* surgiram na Internet no ano 2000 e, no Brasil, apareceram em 2002. Ainda com relação ao Brasil, apesar dos dados serem muito contraditórios (variando segundo a fonte de pesquisa), estima-se que existam de três a seis milhões de *blogs* na rede (LEMOS, 2009).

Alguns anos mais tarde, a palavra *blog* começou a ser utilizada tanto como substantivo quanto como verbo (“*to blog*”, que designa o ato de escrever nesses *sites*). As pessoas que fazem uso desta ferramenta virtual, também ganharam uma denominação específica; passaram a ser chamadas de *blogueiras*.

Os *blogs*, como sendo uma nova mídia, são uma nova forma e opção de comunicação (VIEIRA, 2007). Inicialmente utilizados para a divulgação de assuntos variados, possuíam uma temática única e reuniam informações e *links* para outros *sites*

com o mesmo tema em questão. Assim, aquelas pessoas que tivessem interesse em determinados assuntos, poderiam pesquisar nos *blogs* e encontrar ali as informações de que necessitavam. Fazendo-se uma rápida e descompromissada pesquisa pela Internet, encontramos *blogs* que se destinam a tratar de assuntos que vão desde conhecimentos científicos até aqueles que tratam da vida dos famosos.

Com o passar do tempo, a maneira de utilização dos *blogs* foi se tornando cada vez mais simplificada. Tão simplificada que mesmo uma pessoa desprovida de conhecimentos de informática poderia, em pouco tempo, montar o seu. Associada a essa característica e ao custo zero de criação e edição, sua utilização se popularizou. Hoje em dia, muitas pessoas fazem uso desses *sites* como se fossem verdadeiros diários *online*. Não publicam unicamente *links* relacionados à temática principal do *blog*, mas também escrevem sobre suas vidas, acontecimentos importantes, suas angústias e tudo que as cerca. Nesse sentido, eles surgem quase com a mesma função daqueles diários antigos, que já haviam caído em desuso há tempos, nos quais as pessoas escreviam coisas realmente secretas. Dissemos que eles têm quase a mesma função, pois agora, os escritos podem ser vistos por todos; a vida íntima está exposta, o que abala as fronteiras entre o que seria público ou privado (BRUNO, 2004). O privado torna-se público.

Goffman, em sua obra “*Comportamentos em lugares públicos*” (2010), define como público o espaço que permite acesso livre aos membros de sua comunidade e como privada, a região que somente convidados e membros têm acesso. Acrescenta que as normas do “público” sustentam a ordem pública e regulamentam não somente aqueles encontros ditos face-a-face, mas também aqueles que não necessariamente requerem o contato imediato entre as pessoas (e aqui podemos situar os *blogs*). Mas, mesmo em um lugar público, o sujeito também expressa sua individualidade, não se

comportando de forma passiva. Suas ações sintetizam tanto normas sociais quanto aspectos individuais

Apesar delas serem socialmente tidas como “apropriadas” ou “inapropriadas” (GOFFMAN, 2010), o sujeito também exerce sua liberdade, pois um ato considerado impróprio não vai ser necessariamente tomado como fora da curva já que, para Goffman (2010), o espaço público permite uma margem de liberdade de expressão.

### **2.5.2) Breve revisão sobre *Blogs*:**

Fazendo-se uma revisão bibliográfica sobre o tema, pudemos encontrar algumas funções para os *Blogs* e dividi-las em três categorias básicas: expressão individual, meio de comunicação e diário virtual. Tais categorias estão intimamente interligadas.

Como meio de expressão individual, podemos dizer que a pessoa que mantém um *blog* encontra nele uma forma de se expressar, de expor seus pensamentos, sentimentos, suas obras de arte, etc (ROCHA, 2003). Os *blogs* são construídos por indivíduos e percebidos como sendo “a voz do autor” (EFIMOVA & HENDRICK, 2005), o que os torna um espaço de expressão de tudo aquilo que, de alguma forma, é importante para o blogueiro.

No entanto, mesmo sendo um local no qual o autor pode se expressar de maneira livre – sobre qualquer assunto, emitindo qualquer opinião –, há a possibilidade e, por que não dizer, a necessidade de contato e comunicação com outras pessoas (ibid.). A voz do autor pode ser comentada por aqueles que acompanham o *blog*. E, assim, este se caracteriza como um meio de comunicação.

Como ilustração, podemos citar a pesquisa realizada por Pedersen e Macafee (2007), na Inglaterra, que tinha por objetivo investigar as diferenças de gênero que emergiam no ato de escrever em *blogs*. 24 homens e 24 mulheres que mantinham *blogs*

na Internet foram selecionados e solicitados a responder um questionário via *e-mail*, que abrangia questões sobre a prática da escrita em suas páginas pessoais, atitudes e motivações. Os resultados mostraram que dentre as 48 pessoas, 39 (18 mulheres e 21 homens) acham que escrever nos *blogs* os ajuda a clarificar seus pensamentos, pois, naquele contexto, eles podem dar vazão à suas emoções e frustrações e, mais importante, receber o *feedback* daqueles que os acompanham.

Marlow (2004) e Primo (2008) apontam que a comunicação que se dá nos *blogs* através do que é escrito e, também, dos comentários que podem ser feitos, faz emergir o caráter social presente nessas páginas pessoais. Primo (2008) aponta que comparar *blogs* a diários íntimos é uma visão muito simples e reducionista, pois apesar de existirem aqueles que se destinam a tratar de assuntos pessoais e cotidianos, tal prática não se aplica a tantos outros *blogs* que possuem função jornalística, organizacional (utilizados pelos funcionários de uma determinada empresa), dentre outros. Ou seja, apesar dos *blogs* serem formas de registro escrito que seguem uma cronologia – característica esta que os aproximaria de um diário –, teriam uma esfera interpessoal, voltado para o social, o grupal (através, por exemplo, dos comentários que podem ser feitos após um *post*), enquanto os diários seriam voltados para o intrapessoal, para o próprio autor. São, portanto, espaços comunicacionais (ibid.).

Portanto, para esses autores, o *blog* é muito mais do que uma simples ferramenta de publicação; é uma ferramenta de comunicação que possibilita a interação e a troca de informações e experiências entre o autor e sua audiência. O *blog* é escrito *por* alguém e *para* alguém, o que ajuda a construir um diálogo, mesmo que virtual (DOVAL, 2010).

Outra função dos *blogs* que deve ser destacada é o seu caráter de diário virtual.

Rocha (2003) o conceitua como sendo

... um diário pessoal, uma *homepage* ou um *site* personalizado, dinâmico e interativo, atualizado freqüentemente, quando o blogueiro quiser ou puder, com registros em ordem cronológica inversa (p. 76).

O *blog* disponibiliza, ainda, uma série de ferramentas que facilitam a descrição pessoal e a interação com os demais. Na realidade, muitas vezes os *blogs* contêm informações que não seriam relatadas face-a-face, mesmo com familiares ou amigos próximos. Tal característica os aproximam daqueles diários antigos que ficavam escondidos em lugares onde ninguém os encontraria (MIURA & YAMASHITA, 2007). No entanto, como os *blogs* estão hospedados na rede mundial de computadores, eles podem ser vistos e apreciados por milhões de pessoas no mundo todo. Tal fato nos leva a pensar que o ator do *blog* quer ser visto, quer ser conhecido pelo que escreve (ibid.). Posição que é compartilhada também por Lemos (2002) que diz esses “*ciberdiários aceitam a publicização do meio telemático e criam diários públicos pessoais*” (p. 4).

Mas, depois desse breve olhar sobre as diferentes funções que um *blog* pode vir a assumir, surge uma pergunta: o que leva as pessoas a compartilharem experiências – por vezes, muito íntimas – na Internet, espaço virtual aberto ao mundo inteiro?

Segundo Schittine (2004), já no século XIX a sociedade passava por algumas mudanças e se encaminhava para se tornar cada vez mais íntima. O público perdia espaço para o privado. Juntamente com a sociedade, o papel da família também sofreu modificações, se fechando cada vez mais em si mesma, até tomar a forma da família nuclear que conhecemos atualmente.

Nas famílias burguesas, tal mudança era nítida: as casas eram divididas em vários cômodos, o que assegurava a privacidade de cada membro e fez com que cada pessoa se tornasse um tanto quanto inacessível ao outro. Pode-se notar duas mudanças: primeiro ocorreu o afastamento da família em relação a vida pública e, segundo, percebe-se a pretensão de afastamento de cada membro dentro de sua própria família, o

que criaria uma vida privada, individual. Toda essa esfera íntima recém surgida abre espaço para o aparecimento do diário, da carta (SCHITTINE, 2004).

O isolamento se torna maior com o surgimento dos aparelhos eletroeletrônicos. Inicialmente, o rádio e a televisão proporcionavam um momento de socialização na família, pois todos se reuniam para ouvir e assistir o que era transmitido; porém, toda essa atenção voltada aos aparelhos, excluiu as conversas durante e após o jantar, por exemplo. Com o barateamento e a popularização da televisão, cada membro passou a ter seu próprio aparelho, o que contribuiu para um maior afastamento (ibid.).

Finalmente, surge o computador. Feito para uso individual, a pessoa mergulhava naquele universo para além da tela, tornando a interação familiar mais difícil ainda. Mesmo que uma família inteira compartilhe o mesmo computador é impossível seu uso por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. O isolamento é cada vez maior. E, assim como ocorreu com a televisão, o seu barateamento facilitou sua aquisição e, hoje, podemos encontrar não um, mas alguns computadores dentro de uma mesma casa.

Depois de apontarmos o isolamento progressivo das pessoas, devemos destacar outros pontos importantes que dão subsídios para refletirmos sobre o porquê do uso dos *blogs* como forma de expressão e comunicação.

O primeiro ponto que podemos destacar foi colocado por Schittine (2004): a inexistência do encontro face a face. A tela do computador acaba servindo como um escudo. O *blogueiro* se sente completamente livre para escrever sobre o que tem vontade e seus interlocutores podem tecer críticas ou fazer elogios. Estas opiniões (principalmente as opiniões contrárias ao que se escreveu) são lidas e interpretadas pelo *blogueiro* sem todo aquele constrangimento que haveria se a crítica tivesse sido feita cara a cara. Mas não só de críticas vivem os *blogs*. Os sentimentos ali expostos e as

experiências compartilhadas são encontrados em muitas outras jovens que se identificam com aquilo que é escrito. Schittine acrescenta:

A opacidade da tela permite aos diaristas encontrar seus semelhantes sem que para isso precisem ter um contato direto com eles (2004, p. 35).

As pessoas que comentam os *posts* são reais, evidentemente, mas um real que está fisicamente distante e que não necessariamente influencia diretamente a “vida real” daquele que escreve. Isso mostra que suas experiências, por mais secretas que sejam, não precisam ser compartilhadas somente com aquelas pessoas que conhecemos. A identificação com os sentimentos, a garantia do anonimato e a ausência de confronto real já são suficientes.

Esse anonimato é uma questão de suma importância. Vemos nos *blogs* pesquisados que a grande maioria das jovens não revela seu nome verdadeiro. Muitas até justificam esse fato, dizendo que não revelam sua identidade com medo de que algum parente descubra o *blog*, leia tudo o que está nele descrito e acabe por castigá-las. O anonimato, portanto, assegura o desejo de se expor sem se identificar (para possíveis membros familiares e para os leitores):

A maneira que muitos diaristas virtuais encontram de aumentar a intimidade com o leitor e de se preservar ao mesmo tempo é o uso do pseudônimo (SCHITTINE, 2004, p. 105).

E isso é nítido nos *blogs* das jovens que adotaram o estilo de vida *ana* e/ou *mia*. Muitas delas usam pseudônimos que fazem referência à anorexia e à bulimia como, por exemplo, Annamia, Anna Junkie, Life Anna e Mia, Filé de borboleta, dentre outros.

Schittine diz que o *blog*, por permitir ao usuário liberdade total para escrever o que quiser, da forma como achar melhor, acaba com uma possível autocensura. Assim, o indivíduo abre-se para falar sobre si mesmo já que

... é muito difícil que um indivíduo possa escrever francamente quando corre o risco, ainda que pequeno, de ser descoberto pelas pessoas que o conhecem na “vida real” ou pela sua família (2004, p. 106).

Muitos autores que tratam do assunto do uso dos *blogs* como forma de expressão, concordam que a comunicação via Internet é facilitada pelo anonimato, já que opiniões são expostas e fatos são contados com total liberdade, sem censuras ou bloqueios. A privacidade e a preservação da identidade são fatores de suma importância (BALDANZA, 2006; MEDINA, 2007; SILVEIRA JÚNIOR & REIS, 2009).

Outro fato de suma importância no que diz respeito ao anonimato, é que este preserva também a aparência física das jovens. Elas, que já se vêem como tendo um corpo inadequado aos padrões sociais impostos, ficam “protegidas” do olhar do outro sobre sua aparência física por conta da ausência do contato direto com o outro (CRUZ, 2001 *apud* BALDANZA, 2006).

Como estamos nos referindo ao uso dos *blogs* por jovens que dizem ter assumido o estilo de vida *ana e/ou mia*, não podemos deixar de falar sobre a importância dessa temática para a “sobrevivência” do próprio *blog*. Em uma página deste tipo, que é usada como um diário virtual, pode-se escrever sobre qualquer coisa: as notícias atuais, um assunto que nos chama atenção ou sobre nossa própria vida. Mas, como menciona Schittine (2004) em uma passagem de seu livro, a vida de ninguém é tão interessante assim, para ficar sendo lida diariamente por uma pessoa que nem sequer conhecemos.

Tudo que escrevemos, passa pelo crivo do olhar do outro e, portanto, se pretende-se escrever sobre a própria vida, deve-se usar uma temática que atraia, que interesse a um grupo determinado. Nos *blogs* pesquisados, a temática principal é a anorexia e a bulimia. A vida das jovens gira em torno de dietas, de fracassos e sucessos na busca pelo corpo perfeito. Tal tema interessa às outras jovens que assumiram para si o mesmo estilo de vida. Essa rede que se forma ao redor do assunto faz com que elas se sintam pertencentes a um grupo. Este, muitas vezes é mencionado nos *blogs* como o único grupo de amigas verdadeiras que as jovens possuem, já que compartilham das mesmas experiências e emoções e não as reprimem nem julgam (MEDINA, 2008).

Por tudo isso, podemos dizer que os *blogs* não são objetos fáceis de serem definidos (TRÄSEL, 2009). Encontramos diferentes visões sobre o que eles são, sobre sua estrutura e utilização. Ademais, por serem relativamente recentes, muitos estudos ainda são conduzidos com diferentes vieses e olhares, o que faz com que este seja um campo muito rico de pesquisas e discussões.

### **2.5.3) A estrutura dos *Blogs pró-ana e pró-mia*:**

Nesse estudo, vamos nos deter exclusivamente aos *blogs* que têm como temática principal a anorexia e a bulimia.

Antes de prosseguirmos com nossa descrição, é importante fazermos um breve esclarecimento sobre alguns termos, para facilitar a leitura e o entendimento do assunto. O primeiro deles é a denominação utilizada para designar os *blogs* que tratam dos transtornos alimentares. O nome *pró-ana* é utilizado quando se quer fazer menção a um *blog* que é a favor da anorexia; já *pró-mia*, significa que o *blog* é a favor da bulimia. Isso acontece, pois a anorexia e a bulimia não são tratadas como doenças. Elas são vistas como amigas – como se fossem pessoas reais – que vieram para ajudar as jovens

a emagrecer. Dessa forma, recebem apelidos: a anorexia é chamada de Ana (ou Anna) e a bulimia, de Mia.

Uma segunda questão é a expressão “estilo de vida” também por elas utilizada. Algumas jovens chegam a colocar avisos no início de suas páginas pessoais, aconselhando o visitante que não é a favor do estilo de vida *pró-ana* ou *pró-mia* a não acessar a página. Elas dizem que assumiram esse estilo de vida, pois ele as impulsiona a buscar o corpo ideal, não se denominando como doentes, transtornadas, anoréxicas ou bulímicas.

A expressão “estilo de vida” dentro da nossa cultura de consumo pode apontar para a individualidade e a consciência estilizada de si mesmo (FEATHERSTONE, 1990). Reis (acesso em 2009), por sua vez, diz que essa expressão denota a fluidez e a efemeridade presente em nossa sociedade, pois adotamos modos de viver que podem ser modificados a qualquer momento. Pode também pressupor um conjunto de hábitos, orientações e atitudes que devem ser seguidos, pois garantem o pertencimento a um determinado grupo e ordenam suas opções de consumo, lazer, dentre outras. É uma sensação de pertencimento a um grupo diferenciado, que faz com que o indivíduo exiba as características de seu grupo através de inúmeros recursos (FREIRE FILHO, 2003). Assim, ao adotarem a expressão “estilo de vida”, as meninas conseguem se diferenciar das demais, criando um grupo próprio – o grupo das anas e mias. Dizem aderir à práticas que as distinguem do resto das demais e, em conjunto, buscam atingir seus objetivos. Cada uma delas possui uma determinada meta, mas é através da adoção deste estilo de vida no *blog* que elas podem vir a conquistar a perfeição corporal. É o meio que elas encontraram para atingir um fim: a magreza extrema.

Portanto, não nos referiremos às jovens como anoréxicas ou bulímicas, mas como jovens que, em seus *blogs*, adotaram um modo de viver denominado estilo de vida *pró-ana* ou *pró-mia*.

De forma geral, pode-se dizer que os *blogs* a favor da anorexia e bulimia são organizados de forma parecida com qualquer outro. São constituídos, em sua grande maioria, por um *template*, pelos *posts*, comentários, *links* para outros *blogs* e imagens. Alguns deles ainda utilizam o recurso de músicas. No entanto, eles apresentam certas características que os diferenciam e sinalizam a outras pessoas a que grupo aquele *blog* pertence.

Existem na Internet *sites* especializados em oferecer todas essas ferramentas, que são necessárias para se montar um *blog* (figura 1).

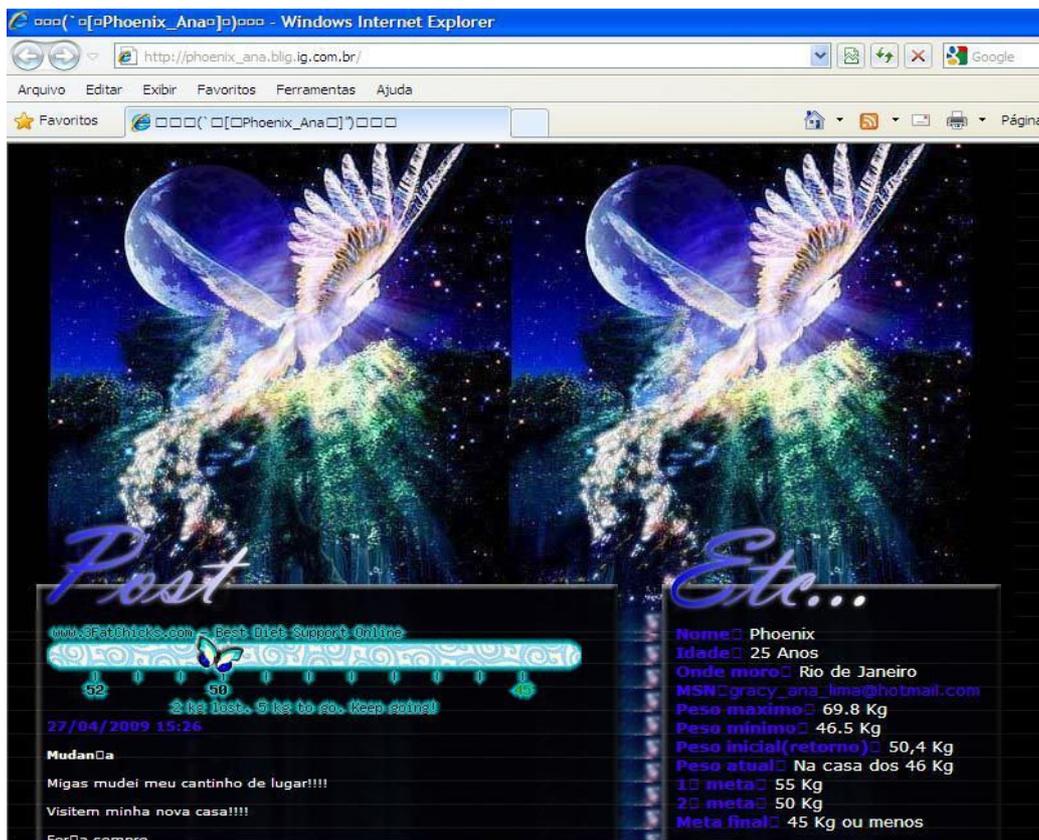
A partir de agora, faremos uma descrição detalhada de cada item que compõe os *blogs* pesquisados.



(figura 1 – página de Internet que oferece tudo para que um blog seja montado e decorado).

### 2.5.3.1) Templates:

O que nos chama imediatamente a atenção ao entrarmos em um *blog* (seja ele de qual temática for) é justamente o *template*. Este é um design pré-definido que decora o plano de fundo do *blog*, podendo conter imagens (ou não) e diferentes estruturas (duas ou três colunas, por exemplo). Nos *sites* pesquisados, a quase totalidade deles apresentava duas colunas; uma delas, destinada ao perfil da pessoa, ou seja, aos dados pessoais, tais como nome (geralmente fictício), idade, cidade onde mora e uma breve descrição de si. A outra coluna é dedicada aos *posts*, que são detalhadamente discriminados por data e hora (*figura 2*).

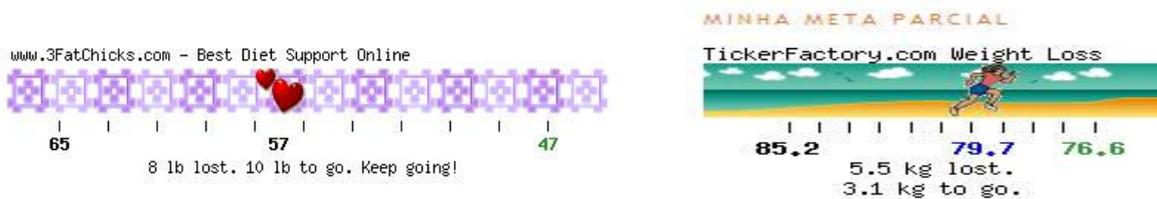


(*figura 2* – template composto por duas colunas: a da esquerda é reservada aos posts; já a da direita, aos dados pessoais).

Um dado curioso: a maioria dos *blogs* apresentava um plano de fundo preto, quase sem animação alguma, apesar de exibirem muitas fotos.

### 2.5.3.2) Metas a serem alcançadas:

O tipo mais comum de figura encontrado nas páginas pesquisadas são réguas. Nelas, é colocado o peso atual em que a jovem se encontra, são marcadas as metas a serem atingidas e, finalmente, o peso final (*figura 3*). Ou então, ao invés de réguas, são feitas tabelas (*figura 4*).



(*figura 3 – réguas indicando o peso inicial, o peso atual e a meta a ser alcançada*).

#### Metas!

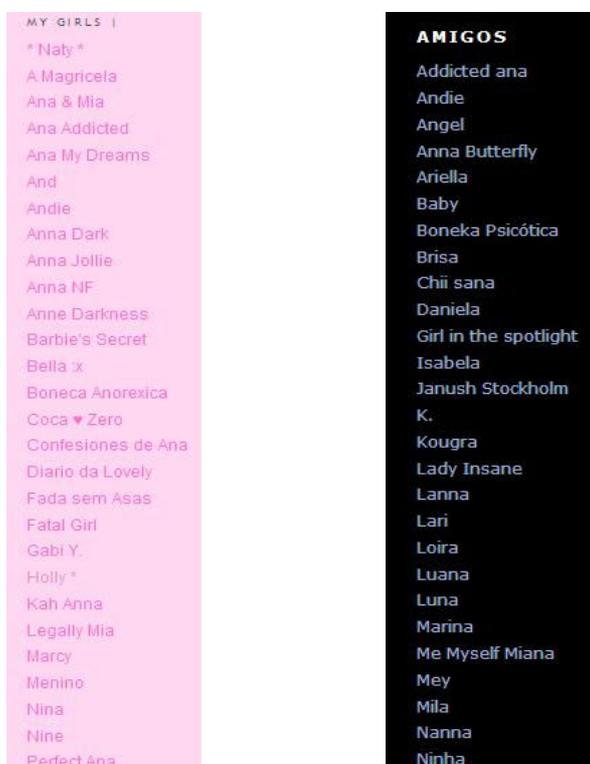
[x]57 kg =(  
 [x]56 kg  
 [x]55 kg  
 [x]54 kg  
 [x]53 kg  
 [x]52 kg  
 [x]51 kg  
 [x]50 kg  
 [x]49 kg  
 [ ]48 kg  
 [♥]47 kg =)  
 [...]  
 [♥♥]44 kg

(*figura 4 – tabela indicando o descontentamento com o peso inicial, as metas que já foram alcançadas e a felicidade com o peso a ser atingido*).

### 2.5.3.3) Lista dos amigos:

Outra característica comumente encontrada é a lista de “*blogs amigos*” (*figura 5*). São *links* que remetem o visitante a outros *blogs*, com a mesma temática. Geralmente, as pessoas que se encontram nessa lista são aquelas que freqüentemente

comentam os *posts*. Assim, forma-se uma rede de novas amigas que, não necessariamente, se restringe a comentários nos *blogs*; as jovens começam a manter uma relação de amizade também pelo Orkut, MSN, e-mail e etc. Como elas têm a situação dos transtornos alimentares em comum, elas compartilham suas angústias, anseios, reclamações, se apóiam e trocam dicas (principalmente sobre novas formas e emagrecer). Essa rede que se forma é vital para a manutenção do estilo de vida *ana* ou *mia*.



(figura 5 – lista dos blogs amigos que são visitados constantemente).

#### 2.5.3.4 “I wanna be a *thinspo*”

Muito comum também é a manifestação do desejo de se tornar uma “*thinspo*”. O termo significa *thinspiration*, que é uma junção dos termos *thin* (magro) e *inspiration* (inspiração). Segundo Medina (2008), esse termo denomina aquelas jovens que

conseguiram atingir o ideal de magreza perseguido ou, então, aquelas mulheres que são naturalmente magras e que acabam servindo de inspiração para todas as outras (*figura 6*).

## THINSPIRATION

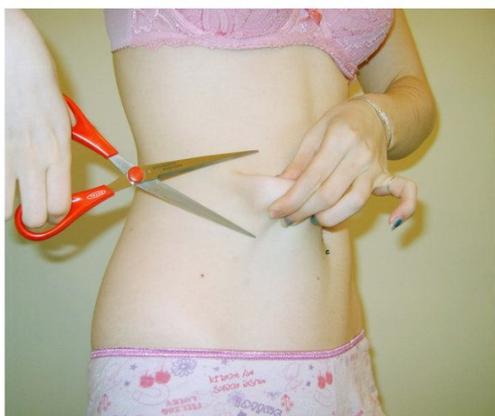


(*figura 6 – figuras de incentivo à busca pela magreza*).

### 2.5.3.5) Imagens e mensagens:

Além de todas essas características, a que mais pode causar espanto são as fotos e as mensagens. Algumas delas chegam até a ser agressivas aos olhos daqueles leitores que não estão familiarizados com o universo dos transtornos alimentares. No caso dos *blogs* a serem pesquisados, geralmente essas fotos mostram modelos ou atrizes com corpos muito magros, que são idolatradas e tratadas como modelo de perfeição; é a meta a ser alcançada. Em contrapartida, também são postadas fotos de pessoas obesas, mas

sempre com comentários depreciativos, que demonstram repulsa pela gordura (figura 7).



(figura 7 – imagens e mensagens que são postadas nos blogs, como forma de incentivo).

### 2.5.3.6) Os posts:

São os escritos publicados pelas jovens. O ato de escrever é denominado “*postar*”. Os *posts*, geralmente, são organizados de forma cronológica. Os mais recentes ficam no início da página, enquanto os mais antigos vão sendo arquivados. Há também a possibilidade de comentar aquilo que foi escrito, são os chamados “*comments*”, ou, simplesmente, comentários, que proporcionam ao dono do *blog* a interação com muitas outras pessoas. Nos casos pesquisados, jovens com os mesmos interesses criam uma rede na qual umas visitam as outras freqüentemente e tecem comentários sobre o que foi escrito.

Como bem ressalta Reis em seu artigo “*Ana e Mia na ‘nova’ rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0*” (acesso em 2009), o que elas escrevem deixa transparecer toda a insatisfação que sentem em relação aos seus corpos e a obsessão em atingir aquele ideal, nem que pra isso tenham que morrer.

Os *posts* devem ser publicados, se não diariamente, com muita freqüência, pois são eles que fazem a aproximação do autor com o leitor e estimulam este último à leitura diária (SCHITTINE, 2004). Em outras palavras, são os *posts* que mantêm o *blog* ativo. Não podemos esquecer de dizer que mais de um *post* pode ser feito no mesmo dia.

Podemos perceber que a linguagem utilizada é informal e fragmentada. Abreviação de palavras, uso de *smiles* para expressar os sentimentos e gírias próprias da Internet são constantemente verificados.

Por fim, uma última questão. Nesse estudo não estamos, de fato, interessadas em saber se as jovens são verdadeiramente possuidoras de algum transtorno alimentar. Não temos a pretensão de fazer diagnósticos. O que nos interessa é compreender o modo como elas se vêem no espaço do *blog* e, assim, reafirmar o *blog* como um outro

contexto de desenvolvimento que permite o posicionamento e reposicionamento do sujeito, mas que, por ser virtual, facilita a fluidez de comportamentos, possível e muitas vezes presente no sujeito pós-moderno.

## **METODOLOGIA:**

### **III – CONTEXTO DO ESTUDO E SELECÇÃO DOS CASOS:**

Santos (1999, p. 403) ressalta que:

O tamanho da amostra não é o fator determinante da significância em um estudo qualitativo. Tipicamente, a pesquisa qualitativa trabalha com amostras relativamente (até mesmo de um só caso), intencionalmente selecionadas (e não randomicamente selecionadas).

Segundo André (1984), uma das características dos estudos de caso é a ênfase dada ao contexto, o que significa dizer que o objeto do estudo deve sempre tentar ser entendido levando-se em conta o contexto que o cerca. Isso favorece a representação e a compreensão dos diversos pontos de vista que estão presentes dentro de uma situação, pois esta é vista como sendo multifacetada. No entanto, os detalhes e as particularidades não são deixadas de lado. O objeto de estudo é tido como único, *“uma representação singular da realidade, realidade esta, multidimensional e historicamente situada”* (ibid., p. 52)

Para a coleta de dados em um estudo de casos não há uma metodologia específica. Podem ser usadas observações, entrevistas, gravações, documentos, anotações de campo, dentre outros. Os dados ainda podem ser apresentados sob a forma de colagens, fotos, ilustrados através de citações, exemplos e descrições. Tais métodos culminam em relatos mais acessíveis (em termos de linguagem) do que outros tipos de relatórios de pesquisa.

Portanto, no nosso estudo de casos, foram selecionados onze *blogs* de mulheres jovens que dizem ter idades entre 15 e 26 anos e serem moradoras do Rio de Janeiro. Elas adotaram, no *blog*, o estilo de vida *ana e/ou mia*.

#### **IV – PROCEDIMENTOS:**

Dei início ao trabalho de campo pesquisando *blogs pró-ana* e *pró-mia*. Para tanto, coloquei a expressão “*blogs pró-ana*” no site de busca Google, que me apresentou aproximadamente 180 mil resultados. Ao acessar o primeiro *link*, fui selecionando os *blogs* que satisfaziam as condições do meu estudo: as jovens deveriam ser do Rio de Janeiro, ter idade superior a 18 anos e escrever com certa frequência em suas páginas pessoais, pois isso me daria mais subsídios para a análise. A lista de amigos que essas jovens possuíam em seus *blogs* (que foi apresentada quando descrevemos a estrutura desses *sites*) me ajudou a ter acesso a outras páginas.

Após essa pesquisa na Internet, 17 *blogs* foram selecionados em um primeiro momento. Destes, apenas nove disponibilizavam e-mail para possíveis contatos. Então, durante dois meses, tentei entrar em contato com as jovens através do correio eletrônico, no intuito de marcar uma entrevista para investigar o significado do uso do *blog* pelas jovens como um espaço de subjetivação. Uma vez que não obtive qualquer resposta afirmativa quanto à entrevista, descartei a utilização deste instrumento de coleta de dados e revi a seleção dos 17 *blogs*. Parti, então, para a análise dos *blogs* em si.

Apenas onze dos 17 *blogs* iniciais foram selecionados para a análise, pois alguns deles já tinham saído do ar, ou seja, suas páginas não eram mais encontradas, creio que por dois motivos possíveis: ou as próprias jovens desativaram seu *blog* ou o *site* que os hospedava o desativou por falta de atualização.

## **V – ANÁLISE:**

Submeti os dados coletados à análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

A partir da revisão de literatura, inicialmente estabeleci os seguintes eixos de análise: beleza e feiúra, mídia, ideal corporal e transtornos alimentares, o uso do *blog* e família. Contudo, após inúmeras leituras do material coletado, acrescentei um eixo denominado “relacionamentos”. Procedendo a uma nova leitura, procurei segmentos significativos nos *blogs* e separei um total de 102 recortes. A análise destes recortes me levou a estabelecer definitivamente os seguintes eixos: visão de si mesma; mídia; uso do *blog*.

### **5.1) VISÃO DE SI MESMA:**

Dois fatores destacaram-se nos relatos sobre si mesma: considerações sobre corpo e beleza e sobre relacionamentos.

#### **5.1.1) Corpo e beleza:**

Viu-se que a partir do século XIX o corpo começou a afinar, culminando, posteriormente, no corpo magro encontrado nos dias atuais. Nesse momento histórico, a mulher passa a ser considerada responsável pela sua beleza, pois, tendo adquirido maior liberdade, não haveria motivos para que ela se descuidasse de sua imagem. Tal mudança de pensamento se deveu ao fato de que a beleza feminina deixou de ser vista como bênção divina (VIGARELLO, 2006) e também pela idéia de que o corpo pode ser manipulado, transformado e melhorado (FOUCAULT, 1987).

Tratados de beleza começam a ser lançados, estampando em suas capas mulheres com músculos ressaltados – um incentivo à prática de esportes, que tornaram-se sinônimo de saúde.

No século XX, todo esse cuidado com o corpo foi acentuando-se. Cada vez mais, o controle ao corpo foi sendo estimulado; prova disso foi o “boom” de academias de ginástica ocorrido nos anos 80. A partir disso, a idéia de que não existe mulher feia, mas sim mulher que não se cuida, aflora. O corpo pode e deve ser controlado, bastando, para isso, se ter controle e força de vontade (NOVAES, 2006).

Esse controle ao qual acabo de me referir é exercido não somente pela mulher, mas também por todos os que a rodeiam. As jovens se sentem constantemente observadas e tais olhares incidem sobre os julgamentos que se fazem sobre aquele corpo. Esses diversos olhares são relatados por algumas jovens em seus *blogs*:

... todo mundo me vendo magra e eu me vendo uma baleia...(...) Quero ver meus ossos, preciso me concentrar, voltar ao controle... eu sei q posso, e vou conseguir (postado por V. Beauty, em 31 de dezembro de 2008).

... fui na casa de uma amiga e continuei me segurando, foi quando comentaram você está mais magra. AONDE ? eu não estou vendo isso, não mesmo.” (postado por Anna Warface, em 29 de janeiro de 2009).

Esses dois relatos deixam claro que há o reconhecimento de outros olhares sobre si mesma, mas seu poder é limitado, afetando parcialmente o julgamento final que as jovens fazem acerca de sua imagem; não se percebem magras, mesmo relatando que pessoas próximas (parentes ou amigos) dizem que elas assim estão. Contudo, não podemos desconsiderar que tanto as jovens quanto os que as julgam estão submetidos à uma vigilância em níveis hierárquico e horizontal: os olhares vêm sem serem vistos (FOUCAULT, 1987).

O olhar do outro posiciona as jovens em uma identidade de “pessoa magra”, mas, em função de outros fatores (mídia, por exemplo) e motivos pessoais – que participam naquele momento do processo de significação –, as jovens retornam às suas posições de “pessoa gorda”, “baleia”. Com isso, elas querem emagrecer ainda mais e acreditam que através do próprio controle atingirão as metas desejadas:

Com esforço e disciplina, podemos controlar a estrutura de nossos corpos (postado por V. Beauty, em 12 de outubro de 2008).

Vou tentar me focar no meus principais objetivos, meu corpo! (postado por Make me Strong, em 8 de fevereiro de 2009)

A questão da disciplina relatada por V. Beauty pode ser relacionada com o conceito de “corpos dóceis” trazido por Foucault (1987). Os trabalhos incessantes sobre o corpo vão acabar por esquadrinhá-lo, tornando-o mais eficiente e ágil. Com isso, cria-se um corpo OBEDIENTE, SUBMISSO, que pode até ter sua estrutura modificada com o objetivo de torná-lo o mais perfeito possível.

Outros recortes mostram a ação desse mecanismo de auto-controle (que faz com que a influência do olhar do outro não seja o fator decisivo no julgamento sobre o corpo): sucessivas pesagens e incessantes observações no espelho:

Me olho no espelho e vejo uma baleia ridícula... (postado por V. Beauty, em 9 de dezembro de 2008).

Fui me pesar, e não engordei nada, mas quando eu me olho no espelho..... dá vontade de morrer (postado por Anna Junkie Life, em 8 de janeiro de 2009).

... ia pro espelho e olhava pra mim mesma com nojo, com desprezo de ser eu mesma, esta gorda (postado por Life Anna e Mia, em 17 de junho de 2009).

Canso de me olhar no espelho e não ver nada que eu goste. É desesperador no fim (postado por Anna Warface, em 14 de dezembro de 2009).

AHhh meninas eu tenho que contar, ontem quando eu sai do banho e estava me secando me olhei no espelho, já posso ver o traço do meu osso da bacia todo (não aquela coisa linda, mas a linhazinha beem *deficinida*, sabem?) e *algums* da costela, fiquei tão feliz em ver que todo os esforço que eu estou fazendo está compensando,... (dia 10 de março de 2009).

Desde segunda, meu negocio é a fita metrica. Perder medidas nos braços, cintura e abdômem (postado do Sra. Morfina, em 16 de novembro de 2009).

Esse exame do corpo feito pelas jovens é um dos instrumentos utilizados pela disciplina. É através dele que as pessoas são classificadas, punidas ou gratificadas.

Ademais, tais relatos vão de encontro a uma das questões centrais dos transtornos alimentares: existe uma intensa distorção da imagem corporal. Assim, ao se olharem no espelho, elas não conseguem perceber o quanto estão magras, sendo tomadas por sentimentos de repulsa com relação ao próprio corpo.

Outras práticas bastante utilizadas pelas jovens são as dietas, os jejuns, o uso de remédios (mesmo que sem acompanhamento médico) e exercícios físicos:

Olá Magrinhas. Com minha dieta já está tudo bem, já perdi 2kg e 100g. Estou com 53kg agora. Mesmo assim me sinto culpada, me sinto abismada, por ter acreditado que seria feliz, sendo gorda. Eu vou postar aqui todo o plano da Minha Dieta, ok? Quem quiser, pode seguir, quem não quiser... Bem, esta dieta faz você ficar bem fraca... Estou tomando Alcachofra Composta, que é pra eliminar gordura, Quitosana pra emagrecer (acho), e chá. A única regra é comer o jantar antes das 7 horas, pois assim, você não faz a digestão enquanto está dormindo, e com isso, não engorda calorias extras, e perde mais dormindo (postado por Life Anna e Mia, em 18 de novembro de 2008).

a dietas tão caminhandooo bem, já posso ver mais ossinhos.... oh deliciiiiia....  
uahuhua (postado por Make Me Strong, em 25 de julho de 2008).

Hoje quero fazer LF de 200 (postado por Holly, em 20 de abril de 2009).

Então gente cheguei ao meu novo record, meu nf foi de 66hs. Aguentava mais só que p/ mim o melhor é lf... pq faz mais efeito, p/ mim (postado por Vida Nova Já, em 7 de maio de 2009).

Bom amanhã a tarde vou ao médico pra pegar minha receita de Anfepramona e seus acompanhantes, nossa tô me sentindo em abstinencia seu isso... tenho bebido café feito uma louca desde que o remédio acabou (postado por Bella Mia Grávida, em 9 de julho de 2009).

segunda vou fazer algumas comprinhas:

Franol

Aspirina

Lactopurga

uns creminhos de cabelo

(postado por Make Me Strong, em 21 de fevereiro de 2009).

Sai da dieta da USP não pq desisti mas pq já tava fraca demais ai resolvi fazer LF de 300 e segunda e terça foram ótimos. Mas *hohe* tomei laxantes (5 Ducolax) e miei a janta. Mas já tava uma semana sem miar mas não me controlei e tive q correr pro banheiro. Hoje comi: 1 omelete no almoço, 3 esfihas de queijo com 1 coca zero e (agora a pior parte) na janta 4 colheres de arroz com frango e não satisfeita comi novamente e depois tomei 1 copo de sorvete napolitano. E depois desse ato imbecil miei e tomei laxante (postado por Holly, em 10 de fevereiro de 2009).

Até então, minha NF estava ótima! Como eu estava muito fraca e sentindo dores absurdas de cabeça e no estômago, resolvi comer. Almoço: 1 Cenoura cozida + 1 Tomate cru + 1 Pepino + Muito alface Fiz 250 abdominais (postado por Anna Junkie Life, em 14 de julho de 2008).

Pudemos perceber, através dos relatos sobre dietas, que estas são muito restritivas (giram em torno de 200 a 500 kcal por dia). A ingestão calórica que elas se impõem é muito abaixo do recomendado (que é de, aproximadamente, 2000 kcal). Justamente por esse fato, elas, paradoxalmente, levam ao descontrole. É fácil ocorrerem episódios de compulsão alimentar, como os descritos abaixo:

Hoje eu tinha programado um lf de 70 cal... mas sai com a *manhe* e jaquei... comi um pastel desses de feira de frango com catupiry =/ qdo chego na minha tia praticamente me obrigaram a engolir uns biscoitos de nata..., hoje não como mais nada... miei tudo o que saiuuu, nem fui ver a quantidade de cal, pra num piiiirar... (postado por Make Me Strong, em 3 de maio de 2008).

Prefiro o laxante, me dá prazer, um grande bem-estar... se *ey* como qq coisa além do planejado: laxante... eu tava tomando 2 bolinhas toda as noites, ia ao troninho “n” vezes ao dia e ficava muito feliz, ia c/ alegria... (postado por V. Beauty, em 19 de novembro de 2009).

Mas hj tive uma mega compulsão. Comi dois salgados assados de queijo e presunto, um Pepsi twist zero e uma barra de lance... to arrasada, e o pior é que ainda por cima to passando mal. Depois que comi me deu uma taquicardia horrível meu coração está disparado até agora. Não sei o que fazer. To tonta, com falta de ar e suando frio. Não sei pq to me sentindo assim, mas to meio preocupada... (postado por Bella Mia Grávida, em 12 de agosto de 2009).

Não sabemos, de fato, se essas jovens têm o transtorno alimentar que se atribuem. Contudo, a baixa ingestão calórica, seguida por compulsão alimentar, se assemelha ao comportamento encontrado na literatura sobre transtornos alimentares: é muito comum essas jovens, após certo período sem comer (chamado de *No Food* – NF) ou com baixa ingestão calórica (chamado *Low Food* – LF), apresentarem episódios de compulsão alimentar (NUNES & RAMOS, In: NUNES e cols, 1998). Seus organismos não estão acostumados a tanta privação e, depois de algumas horas sem comer, a fome que elas sentem é muito grande<sup>1</sup>, o que as impele a comer compulsivamente. Inferimos, portanto, que as tentativas de restrição alimentar, muitas vezes, não são eficazes, pois o episódio de compulsão alimentar ameaça o objetivo de alcançar a magreza extrema.

Como já pudemos perceber por meio dos relatos destacados até o momento, após um episódio de compulsão, sentimentos de tristeza e fracasso são muito comumente relatados:

ooix meninas  
tudo bem?  
eu to mal, MT compulsão, barriga nojenta, banha caindo, q ta me dando nojo e dor de cabeça.  
q nojo de mim. sou uma vaca gorda, uma porca nojenta, mt raiva de mim. (postado por Keep Strong, em 4 de outubro de 2008).

Fraca... podre... estúpida... ridícula... idiota... incompetente... viciada... nojenta... destrutiva... sem-vergonha... burra... GORDAAAAA!!!! monte de LIXOOOO!!!! essa sou eu... me maltratando... me destruindo... pisando e cuspiendo em minhas promessas... ignorando meus ideais... deformando meu corpo... dilacerando minha alma... na

---

<sup>1</sup> É importante lembrar que, as jovens sentem fome como qualquer outra pessoa, mas praticam a recusa alimentar conscientemente, de forma rígida e auto-imposta, no intuito de evitarem os efeitos “engordativos” dos alimentos

vala, na merda... hipnotizada por um prazer venenoso, momentâneo... chorando e lamentando a compulsão insana... gula maldita... por favor, me arranquem a língua e colem meus dentes... assim só entra líquido... (postado por V. Beauty, em 23 de janeiro de 2009).

me chamarei aqui de Cath, tenho 16 anos, 1,80m e peso 70kg. Eu sei que não é uma coisa boa o meu peso, eu sei. Mas é uma coisa que eu espero mudar e preciso mudar com o tempo e eu espero que seja o mais rápido possível, porque estou me achando horrível com esse corpo essa gordura toda a mostra para quem quiser ver e criticar (postado por Don't Say Lies, em 6 de fevereiro de 2009).

Eu fico pensando até quando vou olhar as roupas que não me entram mais... até quando vou olhar essa barriga e essas costas gigantes no espelho... (postado por Sra. Morfina, em 23 de julho de 2009).

ME detesto tanto...queria muito ser diferente, queria poder ser uma pessoa melhor, mais inteligente, desejo ser bonita, inteligente, magra... (postado por Holly, em 12 de fevereiro de 2009).

Hoje e ontem, eu meio q fiquei isolada no meu quarto no escuro pensando e mil e uma coisas, pensando em como vou estar daqui a alguns anos, se vou ser bem sucedida, e era estranho (como de costume) era como se alguém falasse, ou sei lá: gordas, não são bem sucedidas, vc precisa ter um visual, além de ser boa nisso! (dia 24 de fevereiro de 2009).

Cansei de ser aquela gorda, feia que ninguém nota. Quero ser a magra linda que todos olham e querem conversar (postado por Don't Say Lies, em 14 de maio de 2009).

Esses três últimos relatos, em especial, nos mostram exatamente a idéia que essas jovens perseguem para si: as pessoas magras são aquelas mais inteligentes e bonitas; aquelas que são as melhores, mais felizes, que têm mais sucesso (tanto profissional, quanto nos relacionamentos), mais fortes, pois conseguem se controlar e manter o corpo dentro dos padrões sociais vigentes. Portanto, essas jovens fazem tudo o que for necessário para atingirem um ideal de perfeição corporal, não importando as conseqüências:

... tentei miar, mas não consegui, minha garganta doi, muito, nem sei pke... (postado por Make Me Strong, em 30 de julho de 2008).

Com meu NF está tudo bem. Estou tonta, enjoada, com dor de cabeça e tudo mais... Mas pela primeira vez, eu sou eu mesma, e estou feliz (postado por Life Anna e Mia, em 16 de outubro de 2008).

Tive muitas tonteiras, depressão, vontade de chorar, dificuldades respiratórias, muito sono e visão embaçada, nunca pensei que sentir muita fome, deixasse as pessoas tão *lezadas*, no fim das contas, eu consegui (postado por Anna Junkie Life, em 7 de janeiro de 2009).

Aiii como eu disse no outro post estou quase pedindo um help as drogas, pelo menos irá ser uma alegria passageira e vou emagrecer fácil, ontem um amigo meu disse que ele fumava crack e emagreceu mt fácil em um mês. Eu não sei em números o quanto foi mas foi mt! (postado por Keep Strong, em 18 de maio de 2009).

A minha vida inteira sempre sonhei em ser magra, e tomei uma decisão: Prefiro morrer magra do que viver gorda (postado por Life Anna e Mia, em 13 de outubro de 2008).

Um mecanismo utilizado para evitar engordar após um episódio de compulsão é o vômito, prática também muito comum entre aquelas que adotaram o estilo de vida ana e/ou mia. Elas dizem nos *blogs* que “miam” (linguagem por elas utilizada):

Acabei de comer o pedaço e lá vem a culpa... Me encaminhei rapidamente ao banheiro e miei, miei e miei, até que me dei por conta de que não estava saindo naaaaa! Logo, meu desespero veio à tona! Comecei a sentir maaaais dores de cabeça, suor frio, tremer, vontade de chorarrrr e de cortar minha própria barriga e tirar aquele maldito pedaço de chocolate. Fui até à cozinha, bebi um copo d'água, esperei 3 minutos. Tentei miar de novo e dessa vez sim, consegui!! Vi tooodo aquela porcária saindo do meu corpo e abri um sorriso logo em seguida. Mas como o meu desespero foi muito grande, fiquei *sismada* de que ainda tinha sobrado bolo dentro de mim. Inconformada, vendo que estava tudo pra fora, conntinuei miando miando, sentindo um buraco abrir no meu estômago, e o suco gástrico queimando toooda a minha garganta. Não estava aguentando mais, parei. Quando levantei, meu corpo estava todo dormente, meus dentes doendo, e a dor de cabeça pior ainda. Bebi água e só piorou, não conseguia parar de tremer, a *sensação* estava horrível. Resolvi jantar, comi a mesma coisa do almoço. Tentei dormir, mas não conseguia! A *sensação* de que o MALDITO BOLO DE CHOCOLATE estava dentro de mim, só me deixava com mais vontade de miar, mesmo sabendo que já tinha saído do meu corpo e eu já não estava aguentando mais. Vi TV, até que eu conseguisse me *destrai* um pouco. As dores já se passaram. Comecei a fazer mais abdominais. E agora já estou melhor... MEU DEUS! *Aconcelho* à todas vocês! Quando não conseguirem resistir à alguma comida, que seja qualquer uma, menos BOLO DE CHOCOLATE! A *sensação* é a pior de todas!! Querer tirar algo de dentro do seu corpo e não conseguir, principalmente tendo a

*conciência* de que é algo que vai te engordar muito!!! É MUITO MUITO RUIM! (postado por Anna Junkie Life, em 14 de julho de 2008).

... disse que tinha que sair da mesa, pedi licença e corri para o banheiro mas corri mesmo, cheguei lá e acabei miando espontaneamente, mas coisa mínima, minha mente gritava de raiva, diante do fracasso e da tristeza, resolvi miar tudo, foi a primeira vez que mie, miei ate não sair mais nada, meu marido batia na porta preocupado e eu sem saber o q fazer! Lavei o rosto, e quando me olhei no espelho, tava toda vermelha, com o rosto coberto de pintinhas, como se tivesse sido atacada por um bando de mosquitos famintos, fora uma forte dor de cabeça (postado por Phoenix Anna, em 14 de dezembro de 2008).

Nossa, sou uma vaca, mas estou mantendo minha dieta, como e mio. Bem mais fácil assim, não preciso fazer muita força agora, somente beber um pouco d'água e esperar. Meu corpo necessita miar, ele precisa disso (postado por Anna Warface, em 30 de abril de 2009).

Uma consideração bastante interessante e peculiar sobre a relação de uma jovem com o corpo e com a comida não poderia deixar de ser destacada neste momento. Em seu *blog*, ela disse que os alimentos são como drogas que viciam e estragam o corpo:

Estes dias reparei como a comida parece uma droga, que vicia o nosso corpo, senti-me como um viciado em heroína, que sente o corpo doer quando não se droga, pois não só minha cabeça doía, eu sentia todo meu corpo a doer!!! (postado por Phoenix Anna, em 30 de março de 2008).

Ela deixou bem claro que a comida é um mal em sua vida; se ela não come (que equivaleria a deixar de se drogar), sente dores pelo corpo, ao passo em que comendo (consumindo drogas), ela estaria estragando seu corpo, vendo seu ideal ficar cada vez mais longe diante da possibilidade de engordar.

Por fim, outros mecanismos utilizados pelas jovens, decorrentes da falha na busca pelo corpo ideal e belo são as punições auto-impostas. Em três *blogs* encontramos relatos de jovens que, para aliviarem a dor que sentem, se cortam ou se queimam:

Quero me cortar e sentir alívio, quando eu me cortava eu sentia o alívio indo junto com o sangue, só que estou sem gilete e nem tenho mas tanta coragem de me cortar (postado por Keep Strong, em 18 de maio de 2009).

Tenho me segurado para não voltar a fazer os cortes... Eu sei que parece estranho, mas preciso tanto, me alivia tanto... Só nessas horas de dor e na hora do meu cigarro fico em paz... (postado por Sra. Morfina, em 19 de junho de 2009).

nesse mar de confusões, eu me cortei pela primeira vez. Foi uma sensação tão boa... Uma coisa estranha, como se a dor trouxesse o alívio (postado por Bella Mia Grávida, em 3 de setembro de 2009).

quase me cortei de novo, mas tive medo de que alguém visse as marcas, e acabei “criando” uma nova forma de punição, agora eu me queimo; a satisfação é quase a mesma, porem é mais discreto. Não vou explicar como faço pq não quero incentivar ninguém (postado por Bella Mia Grávida, em 28 de setembro de 2009).

Como já visto na revisão de literatura deste estudo, Foucault (1987) chamava atenção para as duas conseqüências da sanção normalizadora (outro instrumento utilizado pela disciplina): gratificação e punição.

Nos relatos das jovens podemos ver a gratificação no momento em que elas dizem estar felizes por conseguirem cumprir o roteiro da dieta planejada ou por conseguirem ver seus ossos aparecendo. Em contrapartida, os relatos destacados acima nos mostram o outro lado da sanção normalizadora: a punição.

Com o objetivo de minimizar os desvios, tal mecanismo tem caráter corretivo. As jovens se cortam ou se queimam como forma de punição por não terem alcançado as metas estipuladas. Baudrillard (1995) diz que se a mulher que tenta se cuidar, por algum motivo peca por omissão, deve ser castigada. É justamente isso que as jovens fazem ao se imporem tais punições.

### **5.1.2) Relacionamentos:**

Nessa subcategoria de análise serão abordados os diversos tipos de relacionamentos que foram mencionados pelas jovens. Começaremos a falar dos

relacionamentos entre elas e suas amigas virtuais. Em todas as páginas analisadas pudemos encontrar declarações de amizades que são incessantemente feitas às amigas virtuais. Muitas vezes, em pouquíssimo tempo de funcionamento do *blog*, já podemos encontrar a jovem blogueira se referindo a outra como sendo sua melhor amiga ou dizendo que a ama. Enfim, sempre encontramos declarações de amizades entre elas, como podemos ver nos trechos abaixo:

Vou tentar postar todos os dias, porque vocês são minha alma, minha inspiração, minhas forças, e sem vocês, eu não sou nada (postado por Life Anna e Mia, em 28 de outubro de 2008).

Não sou sem minhas amigas ANA's e MIA's. Só por um pequeno motivo: vocês não me julgam, apenas me compreendem. Não me ignoram, não me maltratam ao contrário me exaltam. Quando não dou o melhor de mim não ficam me cobrando. Seria tão perfeito se o mundo real fosse assim. Se TODOS fossem assim... (postado por Holly, em 1 de junho de 2009).

A partir desses relatos vemos que os laços de amizades construídos são muito fortes, ou melhor, são virtualmente fortes. Arrisco-me a dizer que tal fenômeno se dá pelo fato das experiências compartilhadas serem muito parecidas. A vida dessas meninas gira em torno dos mesmos temas; elas fazem as mesmas dietas, comentam os resultados, passam informações umas às outras. Dessa forma, elas se sentem inseridas em um grupo que, para muitas, como veremos a seguir, é o único grupo de amigas verdadeiras que possuem:

... se pudesse vivia só aki, vcs me escutam me compreende e me apóiam como ninguém aki no “mundo real” faz (postado por Bella Mia Grávida, em 21 de dezembro de 2009).

Todas vocês, sem exceção, através de seus blogs me fizeram abrir os olhos para o valor da amizade, mesmo umas longes das outras, pq temos um elo muito forte, mais forte do que c/ algumas pessoas q estão a nossa volta, c/ quem temos algum contato físico... todas nós estamos envolvidas emocionalmente em prol do mesmo sonho, e estamos todas influenciando umas da vida das outras, transmitindo

uma energia maravilhosa... vcs tem noção do qt isso é importante?? eu simplesmente ñ tenho ninguém na minha vida que me apóie a ñ ser vcs... (postado por V. Beauty, em 8 de janeiro de 2010).

Relatos de amizades fora do mundo virtual foram encontrados em somente dois dos onze *blogs* analisados:

Amanhã minhas amigas vão vim aqui em casa e elas bebem e comem muito mas nem vou entrar na onda delas. Eu q as chamei p/ver se me animo um pouco e me divirto com elas falando besteiras. Nossa, adoro elas mas parece q essas minhas amigas vivem um mundo a parte do meu p/elas tudo é muito perfeito, não tem problemas..são bonitas, magras, tem grana e parece q o mundo não conspira contra elas como conspiram p/mim (postado por Holly, em 29 de janeiro de 2009).

Vou sair novamente com umas amigas. Acho que esse é o único momento que posso ser eu mesma sem me preocupar com o que estou comendo, ou fazendo. Quer dizer, eu não como nada e faça tudo (postado por Anna-Warface, em 6 de janeiro de 2010).

Ademais, não foram encontrados muitos relatos das jovens falando sobre festas, viagens e outros tipos de divertimentos em geral:

nossaaa, ontem festinha surpresa da minha amiiga, boa pks... danceiiii a loteeee<sup>3333</sup> (postado por Make Me Strong, em 11 de maio de 2008).

Hoje foi um dia horroroso, fui para a praia minha amiga linda e magra e eu gorda e obesa,... (postado por Don't Say Lies, em 2 de agosto de 2009).

Hj tenho uma festinha a fantasia pra ir... como fiquei sabendo da festa de tarde não tive tempo de planejar nada mais bem bolado, então vou de "rata de academia" com direito a mochilinha e tudo.... quem sabe assim minha mãe não se anima de bancar minha academia, o meu noivo já que tá me *apurinando* com isso horrores... (postado por Bella Mía Grávida, em 13 de setembro de 2008).

Desses três relatos, dois deixam bastante clara a relação entre se “expor socialmente” e o corpo. No segundo relato, por exemplo, a jovem vai à praia e,

inevitavelmente, compara seu corpo ao de sua amiga, chegando à conclusão de que o corpo da amiga é muito mais bonito do que o seu.

No terceiro recorte, Bella inventa uma fantasia de “rata de academia” para ir a uma festa. Tal iniciativa demonstra a vontade de fazer exercícios no intuito de adequar seu corpo às exigências da sociedade. Freqüentar uma academia a levaria a perder calorias (emagrecendo conseqüentemente) e deixar o corpo mais definido, que é o que a sociedade impõe como ideal de beleza.

Encontramos também três relatos de jovens dizendo que não têm vida social, que estão vivendo isoladas:

Hoje e ontem, eu meio q fiquei isolada no meu quarto no escuro pensando e mil e uma coisas, pensando em como vou estar daqui a alguns anos, se vou ser bem sucedida, e era estranho (como de costume) era como se alguém falasse, ou sei lá: gordas, não são bem sucedidas, vc precisa ter um visual, além de ser boa nisso! (postado por Make Me Strong, em 24 de fevereiro de 2009).

Ando ainda triste, estou afastada das minhas amigas, não atendo mais telefones, não converso mais com elas pelo msn apenas respondo os recados do orkut. Não sei se isso está me fazendo bem mas o fato é que estou me isolando e vivendo o meu mundo. Não fico mais fingindo o tempo todo que sou feliz e blá blá (postado por Holly, em 11 de março de 2009).

... estou isolada de tudo, não saio não tenho roupas p/ vestir pq eu sou dura na queda engordei e não comprei roupa de gorda p/ mim, vejo minha amigas saindo zoando e eu em casa, cara é muito ruimmm, vcs não imaginam como é... (postado por Vida Nova Já, em 18 de maio de 2009).

Novamente, percebemos pelos relatos que a forma como elas vivenciam seus corpos influencia diretamente em seu convívio social. Elas acabam preferindo se isolar e viver “em seus mundos” do que ter que conviver socialmente com pessoas que, para elas, têm corpos dentro do que elas consideram como bonitos.

Aqui deve ser ressaltado que a não ocorrência de muitos relatos sobre os relacionamentos não está associado ao fato delas não se relacionarem com o mundo

exterior. O número reduzido de trechos destacados se deve muito mais ao fato da temática do *blog* girar basicamente em torno do assunto “estilo de vida ana e/ou mia”. Aliás, não é só o *blog* que gira em torno de tal tema. A vida dessas jovens é pautada por dietas, jejuns, beleza corporal; esses tópicos consomem tanto tempo e ocupam tanto os seus pensamentos que tudo aquilo que acontece fora deste âmbito é somente comentado de forma breve, sem muita riqueza de detalhes. Para dar sustento ao que acabamos de dizer, basta compararmos um relato que fala sobre o relacionamento com as amigas da vida real de uma das meninas, com um relato, por exemplo, que fala sobre a culpa que elas sentem após ingerirem grande quantidade de comida. A riqueza de detalhes é muito maior no segundo caso, pois, para a sobrevivência do *blog* este segundo relato é muito mais importante. Ali é relatada uma experiência que, muito provavelmente, já foi vivenciada por outras meninas, o que dá margem para surgirem comentários e outros relatos de experiências parecidas.

No quesito “namorados”, também encontramos poucos relatos. Ao ler os *blogs*, fica claro que as meninas querem encontrar um namorado, querem ter um relacionamento sério, mas, ao mesmo tempo, existe a questão do corpo “fora dos padrões sociais” além de todo o ritual que envolve as práticas alimentares.

Dentre os onze *blogs* analisados, quatro jovens não fazem menção a algum tipo de relacionamento amoroso. Dos outros seis, em quatro percebemos que a vida sentimental delas é um pouco instável: inícios e terminos rápidos e brigas que, quase sempre, envolvem a forma como elas se alimentam. Apenas uma das meninas tinha um relacionamento mais sério e estável, que culminou em casamento.

meninasss eu to namorando =>  
lindo neh?  
adivinhem... com o meu melhor amigo =>  
não sei msm qto tmp vai durar... mas que seja infinito enquanto dure  
=> (postado por Make Me Strong, em 23 de junho de 2008).

booom meninas.... termineii o namoro...☹ (postado por Make Me Strong, em 12 de julho de 2008).

Vou começar falando da amorosa, se lembram daquele menino que eu havia falado que eu tinha ficado, então estamos nos vendo todos os fins de semana desde então estou tão feliz meninas, e por isso também que eu não posso me descuidar do peso logo agora, isso tem que ser um estímulo para mim ficar bonita! **Magra** (postado por Don't Say Lies, em 10 de maio de 2009).

Dia desse estava de jejum ate o meio dia e aí disse pro meu noivo (que trabalha comigo):

“- Acho que vou comer metade desse pão francês que vc trouxe.”

E ele:

“- Será que tem mesmo necessidade disso? A gente almoça daqui a pouco!”

*OBS: A gente sai do serviço 13:30 pra almoçar e demora uns 20 minutos se o transito tiver bom...*

**Nossaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!! Minha kra foi no chão...**

Depois disso tomei três copos de chá, cheguei em ksa comi no prato de sobremesa e miei tudo 5 minutos depois... Não sei o que é pior, se é alguém dizendo que vc tem que comer ou alguém te lembrando, a cada olhar que vc está ENORME!!! (postado por Bella Mia Grávida, em 29 de agosto de 2008).

Por fim, falaremos do relacionamento com a família. Dentre os *blogs* analisados, não foram encontradas muitas referências à família. Porém, apenas uma jovem não faz menção alguma ao seu relacionamento com pais ou outros familiares.

Aquelas que faziam menção a tal relacionamento mantinham uma postura que oscilava: ora com declarações de amor, ora com descrições de muitas brigas, como podemos observar nos trechos destacados abaixo:

... mas amo essa familia doida que eu tenho... (postado por Make Me Strong, em 4 de maio de 2008).

Ahh, também tenho outra novidade já que estou isolada do convívio social ando conversando muito com a minha mãe e meu irmãozinho. Pelo menos isso neh? Rs  
Sinto que minha relação com eles está evoluindo. Espero que continue assim (postado por Holly, em 3 de abril de 2009).

Sabe não aguento mais essa vida de gorda! De ouvir minha mãe me dizendo que tenho que emagrecer, mas nunca me ajudando; cansada de nas reuniões de família ouvir aquele primo engraçadinho me

dizendo que to "gordinha"... Ahhhhhh!!! (postado por Bella Mia Grávida, em 18 de agosto de 2008).

Eu e minha mãe nunca nos demos bem. E pior, na carta ela dizia (em outras palavras) que eu era um dos maiores problemas dela. Isto me deixou mais triste ainda (postado por Life Anna e Mia, em 27 de outubro de 2008).

Estava eu me preparando psicologicamente para almoçar com a família, coloquei apenas um pedaço de carne e bastante salada. Meu avô com toda a simpatia do mundo, disse: "Fica comendo essas coisas e depois quer emagrecer." PERA AI! Eu estava comendo obrigada, em nenhum momento quis estar presente naquela mesa, que inferno. Além do mais não era algo tão calórico assim (postado por Anna-Warface, em 4 de janeiro de 2010).

Através desses relatos, vemos que a própria família, em alguns casos, fala sobre o corpo da jovem com um tom até mesmo depreciativo, o que as deixa triste e reforça ainda mais a idéia de que somente sendo magra é que elas poderão ser felizes.

## **5.2) MÍDIA E IDEAIS DE BELEZA:**

Em nossa revisão bibliográfica, tentamos mostrar como os meios de comunicação em massa influenciaram (e influenciam) o imaginário que as pessoas criam em torno do que seria um corpo perfeito.

A partir de meados do século XX, jornais, revistas e televisão ganharam força no mercado e começaram a ter papel crucial na propagação dos ideais de beleza. Os espectadores, vendo a imagem de corpos perfeitos (malhados, sem gorduras, firmes, ditos saudáveis) associados à imagem de celebridades tomam para si essas representações. Nesse momento, aquele ideal já discutido de que pessoas magras e bonitas são mais felizes e bem sucedidas vem à tona novamente.

Mesmo toda a discussão que existe em torno do uso de ferramentas de edição de imagem (como, por exemplo, o *Photoshop*) não consegue afastar essa idéia de magreza associada ao sucesso.

Dentre os *blogs* analisados, em dois deles encontramos relatos explícitos do que as jovens pensam em relação a toda essa exposição corporal feita pela mídia:

Vejo que se você não é magra, você não é nada. A mídia faz questão de botar modelos magérrimas (lindas) nas capas de revistas, mas depois, ficam falando mal da Anorexia e da Bulimia (desculpem mais uma vez por usar este termo). Botam garotas quase mortas (que nem são de verdade) pra causar polêmica, e dizer que Anna e Mia são "doenças". Se um de vocês estiver lendo isso, saibam que: "antes de nos mudar terão que mudar o MUNDO" (...) Queremos ser MAGRAS. E vocês não entendem isso. Não entendem que a própria sociedade nos leva a ser o que somos. Não entendem que nós temos livre arbítrio. E principalmente, não entendem que suas revistas de moda, não passam de mais uma inspiração para ficarmos dias e dias com dor. Com fome (postado por Life Anna e Mia, em 27 de outubro de 2008).

Poxa não sei pq a *mídia* sempre resolve se fazer dos problemas dos outros, ainda mais quanto a alimentação, elas *bombardeiam* nossa mente com lindos corpos belos e magros e quando chegamos aos tal dizem que estamos morrendo!!! Por acaso alguém já viu uma protagonista de novela ou filme gorda...As gordas so fazem pontinhas ou são sempre as *regeitadas*, as sem namorado, as amigas maravilhosas, amigas nunca namoradas! Cara isso perturba!!! (postado por Phoenix Anna, em 25 de novembro de 2008).

Fica claro nesses recortes que a mídia tem papel fundamental na manutenção desse estilo de vida assumido pelas jovens. No primeiro relato, por exemplo, Life Anna e Mia ressalta que as fotos das meninas usadas em matérias de jornais e revistas retratando a anorexia e a bulimia não são reais, ou seja, podemos pensar que ela acha que tais fotos passam por tratamento naquelas ferramentas de edição já mencionadas antes de serem publicadas, com o intuito de mostrar meninas magérrimas, mas que não condizem com o padrão de magreza apresentado por anoréxicas ou bulímicas. As modelos nas fotos seriam "emagrecidas" para aparentarem ter menos peso do que o real, chamando atenção, portanto, para o aspecto patológico da anorexia e bulimia.

O relato de Phoenix Anna vem para complementar o que Life Anna e Mia já havia falado: afirma que a mídia massifica a idéia dos corpos magros e belos, mas no instante em que vê meninas magras, as taxam como doentes.

Sobre isso, encontramos outra semelhança entre os dois relatos: a defesa da anorexia e bulimia como estilo de vida. Elas têm livre arbítrio; podem fazer do seu corpo o que bem entendem. Se escolheram seguir pelo caminho da magreza extrema, foi uma opção, que não deve ser tratada, de forma alguma, como uma patologia. *Ana* e *Mia* não são doenças; ao contrário, são, antes de tudo, amigas das jovens que as ajudam na batalha para alcançar seus objetivos e dão força nos momentos de tristeza. São, de fato, tratadas como pessoas reais.

Além disso, no primeiro relato, Life Anna e Mia menciona as capas das revistas. Estas, com suas fotos de modelos, seus dizeres impactantes e promessas de corpos perfeitos em pouco tempo, acabam por persuadir as leitoras levando à falsa ilusão de que tudo é muito simples e fácil. Bastam poucos minutos por dia para se conquistar um corpo bonito. Sem tal esforço, corre-se o risco de se tornar a gordinha do segundo relato: sem namorado, rejeitada e sempre coadjuvante na interação com os pares.

### **5.3) USO DO BLOG:**

Como mencionamos durante a revisão bibliográfica sobre os *blogs*, estes são usados por muitas pessoas como se fosse um diário virtual. Neles, experiências são escritas e compartilhadas.

Com os *blogs pró-ana* e *pró-mia*, não é diferente; eles são usados como diários virtuais e como forma das jovens trocarem novas receitas de dieta e discutirem seus resultados e se apoiarem mutuamente em momentos de fraqueza, como podemos ver claramente no trecho abaixo:

Então meninas fiz o blog para ser meu diário, e para nos ajudarmos, sei como é importante esse nosso cantinho. Aqui trocamos dicas, daremos força uma a outra, ok bjsss (postado por Vida Nova Já, em 9 de novembro de 2008).

No entanto, abordam uma temática que, além de ser muito íntima é bastante polêmica, o que faz com que muitas meninas, no início de suas páginas ou logo no primeiro *post* deixem avisos aconselhando o visitante que não é a favor desse estilo de vida a não continuar com a visita ao *blog* e a não fazer comentários depreciativos, como podemos ilustrar com as falas abaixo:

Bem, se você não for nem pró-anna nem pró-mia, então, nem entre aqui. Afinal, nós não mudaremos pelas mesmas opiniões que nos fizeram crer que ser magra é ser alguém (postado por Life Anna e Mia, em 27 de outubro de 2008).

...sou totalmente pró ana, quem não for e *quizer* entrar peço respeito, mais quem não for e vier aqui p/ @\$%@\$%\$, então nem entre!!! ok!!! respeitemos as adversidades (postado por Vida Nova Já, em 29 de novembro de 2008).

... de 2 anos pra cá cansei de sofrer com os apelidinhos e a hipocrisia imposta pela sociedade... se for para criticar as annas e as mias critiquem em outro lugar não aki! pke nuam admito que pessoas com corpos perfeitos so abraum a boca para criticar meninas que lutam pelos seus desejos... (postado por Make Me Strong, em 9 de março de 2008).

Uma questão que fica bem clara ao se olhar os *blogs* é o anonimato. As meninas fazem uso de pseudônimos na tentativa de esconderem suas identidades. No entanto, quando vai se analisar profundamente o que elas escrevem, lendo todos os *posts* desde o início do *blog*, pode-se encontrar, em alguns, o nome verdadeiro delas.

Esse uso de pseudônimos (que, em sua grande maioria fazem referência à anorexia ou à bulimia) é uma tentativa de manter o anonimato por dois grandes motivos: não serem descobertas por familiares e porque, dessa forma anônima, elas se sentem mais à vontade para escreverem sobre suas experiências, como já discutido na

revisão bibliográfica. Schittine (2004) fala deste assunto com grande propriedade e aponta que o uso dos pseudônimos garante à quem escreve uma maior intimidade com o leitor ao mesmo tempo em que preserva sua verdadeira identidade. Desta forma, se sente totalmente a vontade para escrever livremente sobre suas experiências.

Nesse estudo, não vamos nos ater a analisar os pseudônimos utilizados. Seria bastante interessante, no entanto, como não conseguimos realizar entrevistas com nenhuma das jovens blogueiras, analisar seus apelidos seria um tanto quanto precipitado de minha parte. Não haveria subsídios suficientes para chegar a uma conclusão acertada sobre o porquê do uso de cada pseudônimo.

O que temos em mãos é o fato de que, realmente, elas não querem se expor. Isso pode ser comprovado tanto pelo uso do pseudônimo, quanto pelas falas encontradas em alguns *blogs* e que serão destacadas a seguir:

Primeiramente, Olá... Meu nome, não será revelado à vocês. Sou apenas mais uma garota tentando emagrecer, por isto peço que não me julguem antes de me conhecerem (postado por Life Anna e Mia, em 13 de outubro de 2008).

Bom, tive que fazer esse blog novo pq o meu antigo quase foi descoberto, então como não vou dar sorte ao azar, to fazendo esse novo (postado por Bella Mia Grávida, em 18 de agosto de 2008).

Bem meninas vou parar por aqui, porque a minha irmã está rondando muito aqui ai nem da pra postar direito fico com medo dela ver algo (postado por Don't Say Lies, em 4 de julho de 2009).

De toda essa experiência, fica-me claro que o *blog* é utilizado por elas como um espaço de experimentação e subjetivação, onde elas podem assumir diferentes posicionamentos e identidades, a começar pelo uso dos pseudônimos.

#### **5.4) DISCUSSÃO:**

Um dos pontos destacados ao longo deste trabalho foi a questão da beleza corporal. Vimos que o que era considerado belo foi se modificando até chegarmos ao padrão de magreza que encontramos hoje em dia.

Paralelamente temos que, através das modificações ocorridas e da influência dos meios de comunicação (que ajudam a disseminar esses ideais), o número de casos de transtornos alimentares vêm crescendo entre jovens adolescentes, principalmente do sexo feminino.

Neste estudo, os relatos das jovens fazem menção ao estilo de vida *ana e/ou mia*. Tal modo de viver – que dita alguns padrões comportamentais no intuito de se atingir o ideal corporal vigente na atualidade, qual seja, corpos magros e bem definidos que se tornam um passaporte para a felicidade, sucesso e aceitação social – é por elas assumido ao se posicionarem em seus *blogs*. No entanto, apesar de lidarmos com essas questões, não nos preocupamos em realizar um diagnóstico preciso. De acordo com nossa revisão bibliográfica sobre a anorexia e a bulimia, pudemos perceber que o comportamento que as jovens assumem no dia-a-dia se assemelha aos comportamentos adotados pelas jovens que são, de fato, diagnosticadas pela medicina como sendo anoréxicas ou bulímicas. Elas mantêm uma relação conflituosa com a comida, apresentam episódios de comer compulsivo, utilizam manobras para evitar quilos a mais (como, por exemplo, uso de laxantes, vômitos provocados, utilização de medicação própria para a aceleração do metabolismo, exercícios, dietas e jejuns, dentre outras). Todos esses dados nos levariam, facilmente, a acreditar que as jovens apresentam estas patologias, já que sinais clássicos podem ser lidos em muitos dos relatos postados. Mas, como nosso estudo se deu no universo dos *blogs*, ou seja, em um universo totalmente virtual, não podemos, verdadeiramente, dizer se as jovens são ou não anoréxicas ou bulímicas. Isso ocorre,

pois, no mundo virtual qualquer pessoa pode assumir a identidade que quiser e, a partir dela, pode construir um mundo a parte, o seu mundo, que pode apresentar elementos reais bem como ser totalmente fictício.

Tal fato é respaldado no referencial teórico da Rede de Significações. Ao falarmos sobre posicionamento, vimos que as pessoas podem assumir diferentes posições em contextos variados, pois também estão sendo posicionadas por aqueles com quem interagem. No caso dos *blogs*, as jovens podem se posicionar daquela forma, dizendo que assumiram tal estilo de vida, pois ali, naquele mundo virtual, elas decidiram assumir tal postura. Elas encontram um espaço para se posicionarem como gordas, constituindo uma identidade “gorda”. Não importa se elas estão de fato acima do peso ou não. Elas anunciam que aderiram ao estilo de vida *ana e/ou mia* e, a partir desse momento, fica subentendido para os demais que ela é uma jovem que se sente gorda e que fará de tudo para alcançar suas metas (nem que para isso ela tenha que passar fome, sentir-se mal e até ser internada no hospital). Tudo é válido para chegar à meta final.

Isso não significa que na vida “real” elas continuam se comportando da mesma forma. Nos *blogs*, o posicionamento adotado as ajuda a construir suas identidades no momento da interação com os outros (ROSSETI-FERREIRA et al., 2004).

Em suma, em momento algum do estudo nosso intuito foi o de diagnosticar as jovens. Nosso interesse foi analisar o modo como elas utilizam seus *blogs* como um outro espaço de subjetivação.

Outra questão importante, constituinte do processo de subjetivação, é o relacionamento interpessoal com a família. Como vimos na análise, foram encontrados poucos relatos que faziam referência à família. Em alguns, nos deparamos com as jovens escrevendo que a própria família falava da condição corporal delas, às vezes, até

em tom pejorativo, o que as deixavam tristes e com mais vontade ainda de perseguir aquele corpo ideal. Nesse ponto, podemos fazer a seguinte pergunta: como a família influencia a avaliação que as jovens fazem acerca de seus corpos? Pois predomina a máxima de que não há mulher feia; há a mulher que não se cuida (PRIORE, 2000), que não gasta alguns minutos do seu dia praticando exercícios simples em prol de um corpo firme. Poderíamos pensar, portanto, que tais comentários feitos pela própria família serviriam para reforçar a idéia de que a jovem não tem cuidado com o próprio corpo e que ele, de fato, não está dentro dos padrões sociais esperados.

Um ponto que ficou muito claro nos *blogs* são os seus relatos de que não gostam de se expor. Elas utilizam pseudônimos, não publicam fotos de si mesmas e, vez ou outra, criam uma nova página pessoal. Existe todo um cuidado com suas identidades e com o fato de não quererem ser descobertas por pessoas próximas (parentes e amigos, por exemplo).

Por tudo que encontrei nos *blogs*, pude perceber que a grande maioria dos responsáveis não sabe que suas filhas adotaram esse estilo de vida, pois elas usam inúmeros artifícios para desviarem a atenção dos pais (indo desde o uso de roupas largas para esconder a magreza excessiva até a dizerem que comeram enquanto cozinhavam para a família).

Por outro lado, os pais que sabem da condição de suas filhas só perceberam a gravidade do problema quando elas desmaiaram ou tiveram uma complicação mais séria que necessitou de intervenção médica. A partir disso, o controle exercido pelos pais se torna maior, mas não chega a ser suficiente para que suas filhas abandonem de vez o estilo de vida *ana e/ou mia*. Elas sempre dão um jeito de voltar para “esse mundo” (como elas mesmas dizem).

Não somente a questão familiar deve ser levantada aqui, mas também a questão dos relacionamentos sociais em geral. Poucos relatos mencionando eventos sociais foram encontrados, sendo que fica claro que a exposição social dos corpos é, até mesmo, um problema para as jovens. A concepção que elas têm é a de que seus corpos não estão dentro dos padrões sociais e, por esse motivo, expô-los se torna uma ação dolorosa, pois comparações se tornam inevitáveis. Isso as leva a constatação de que, realmente, seus corpos não estão condizendo com o que elas idealizam como modelo de beleza.

Como sabemos, os *blogs* estão hospedados na Internet e podem ser acessados por, praticamente, qualquer pessoa no mundo (MIURA & YAMASHITA, 2007). Por que, então, compartilhar experiências íntimas com milhares de pessoas, se há a vontade – e por que não dizer, a necessidade – de se esconder, não permitindo que ninguém saiba nem seus nomes? Uma possível resposta para essa pergunta talvez seja a necessidade que elas têm de se identificar com um grupo. Grupo este que compartilha dos mesmos sentimentos, experiências e angústias, que não as julga ou recrimina nem diz que elas estão doentes. Talvez elas se sintam inseridas, acolhidas e compreendidas dentro daquele grupo de jovens que lhes dá apoio e que as incentiva.

Portanto, inferimos que o *blog* é o local no qual o estilo de vida *ana* e/ou *mia* é assumido pelas jovens que se posicionam desta forma. É o local onde elas podem construir sentidos e significados novos para suas experiências no momento de interação e identificação com suas amigas virtuais. Enquanto um contexto para o desenvolvimento humano, o *blog* é um espaço de subjetivação.

Foucault (1995) nos fala que durante o processo de construção de significados (que constituem o processo de subjetivação), o sujeito é colocado dentro de relações de poder que são, por vezes, muito complexas. Essas relações se articulam a partir de dois

aspectos indispensáveis ao processo. O primeiro aspecto diz respeito ao “outro”, que deve ser reconhecido como o sujeito sobre o qual o poder será exercido. O segundo, relaciona-se aos efeitos, reações e respostas que são criadas a partir do poder exercido.

Ao falar que o poder é uma ação que é exercida sobre o “outro”, Foucault (1995) menciona que este só pode ser exercido sobre sujeitos “livres”, ou seja, que têm, diante de si, um vasto campo de possibilidades a escolher e de condutas a seguir, pois daí surgem infinitos comportamentos. Pode-se assim dizer que, na subjetividade humana, há uma brecha para influências externas, mas não uma relação determinística. O que não quer dizer, como vimos, que essas meninas não se sintam vigiadas e não se submetam a uma disciplina.

O regime disciplinar, segundo Foucault (1987), tem como função classificar tudo aquilo que se afasta do que é considerado a norma, ou seja, tudo aquilo que é desviante. Para isso, institui um sistema de gratificação e punição. Por meio da gratificação, podemos hierarquizar as qualidades e aptidões. Já pela punição, podemos corrigir o que foge a regra. No nosso estudo, pudemos ver que as jovens se impõem um “regime disciplinar” que as ajuda a estabelecer uma rotina de dietas e exercícios que – elas acreditam – as levarão a concretizar seus objetivos maiores: ter um corpo dentro do padrão de magreza veiculado na sociedade contemporânea. Ao atingirem suas metas elas se sentem felizes e recompensadas pelo esforço que foi feito. Quando não, abate-se sobre elas um sentimento de fracasso e desânimo e, daí, surgem algumas punições auto-impostas como, por exemplo, queimaduras e cortes que elas próprias fazem em seus corpos, auto-depreciação, maior isolamento do convívio familiar e social, dentre outras.

Dizemos, portanto, que o processo de subjetivação e as relações de poder realmente estão presentes e interligadas, pois as jovens criam novos sentidos e significados mediante o compartilhamento de informações em seus *blogs* (feito através

dos *posts*) e, ao mesmo tempo, começam a constituir e legitimar comportamentos que são ditados por aqueles que detêm o poder. Em nosso campo de estudo, um dos dispositivos de poder são os meios de comunicação. As informações geradas e veiculadas por eles – e que serão posteriormente reproduzidas pelas jovens em suas páginas pessoais – acabam criando padrões de comportamento. Utilizando as palavras de Foucault (1987), as informações exercem o poder de “*conduzir as condutas*” das jovens que buscam o corpo ideal.

Essa relação se torna possível, pois as jovens são colocadas no lugar daqueles indivíduos sobre os quais o “outro” (nesse caso, os meios de comunicação) exercerá seu poder. Em outras palavras, podemos dizer que as jovens reagem e, conseqüentemente, adotam comportamentos que legitimam tudo aquilo que é veiculado pela mídia, validando sua posição de poder. É ela que detém os preceitos do que seria um corpo ideal.

### **CONCLUSÃO:**

As jovens que em seus *blogs* se posicionam a partir de um estilo de vida ana e/ou mia fazem uso desse espaço para compartilharem, anonimamente, experiências íntimas. O *blog*, portanto, assume as funções de meio de expressão individual, meio de comunicação e diário virtual, que são indissociáveis, pois, se o *blog* não é alimentado com novas experiências próprias, a comunicação com as outras jovens fica interrompida e perde-se também o caráter de diário virtual (que deve ser atualizado todo dia, ou quase todo dia).

Esse espaço virtual caracteriza-se, assim, como um outro contexto de desenvolvimento humano. É um espaço de subjetivação recortado pelos significados da matriz sócio-histórica e, portanto, também por dispositivos de poder. As autoras dos *blogs*, ao mesmo tempo que vivenciam, nos *blogs*, a liberdade, também relatam que se submetem a normas de conduta muitas vezes disciplinadoras.

Assim, com relação ao corpo, conseguimos ver claramente que esse aspecto é tido como indissociável dos quesitos beleza e magreza. Em outras palavras, para elas, não existe beleza separada do corpo e não existe corpo belo que não seja magro. Beleza, magreza e corpo formam um tripé no qual um não existe sem o outro. Além disso, esse tripé passa a ser sinônimo de felicidade e sucesso. A idéia é de que se a jovem não é magra, ela não terá sucesso. Se não tem sucesso foi devido ao fato de que ela não teve os cuidados suficientes para com o seu corpo, pois só é feia quem quer, quem não se cuida, quem não tem força de vontade para vencer as tentações, quem fracassa.

O sentimento de fracasso, de falta de força de vontade perpassa os relatos das jovens blogueiras. Após descreverem um episódio de compulsão alimentar, elas falam de um sentimento de impotência que significam como falta de controle do próprio corpo.

**BIBLIOGRAFIA:**

ALMEIDA, L.S. de. **A cognição social e a construção da relação educador-bebê na creche.** Ciência e Cognição, vol. 07, pp. 42-48, 2006.

ALMEIDA, L.S. de. **Mãe, cuidadora e trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham.** Revista do Departamento de Psicologia – UFF, vol. 19, nº 2, pp. 411-422, 2007.

ANDRADE, V.L. de. **O culto ao corpo na contemporaneidade.** Disponível em: [http://www.ifen.com.br/jornada/virginia-o\\_culto\\_ao\\_corpo.pdf](http://www.ifen.com.br/jornada/virginia-o_culto_ao_corpo.pdf) Acesso em 12/JUL/2009.

ANDRÉ, M.E.D.A. **Estudo de caso: seu potencial na educação.** Cadernos de Pesquisa, nº 49, pp. 51-4, 1984.

APPOLINÁRIO, J.C. & BACALTCHUK, J. **Tratamento farmacológico dos transtornos alimentares.** Revista Brasileira de Psiquiatria, vol. 24, supl III, pp. 54-59, 2002.

APPOLINÁRIO, J.C. & CLAUDINO, A. M. **Transtornos alimentares.** Revista Brasileira de Psiquiatria, vol. 22, supl II, pp. 28-31, 2000.

ARAÚJO, E.M.N. **“A construção do corpo” feminino: artefatos modernos de procusto.** II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais – Culturas, leituras e representações, 2009.

BALDANZA, R.F. **A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1012-1.pdf> Acesso em 18/SET/2009.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Z. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, N.J. B.G.; SICCHIERI, J.M.F; RIBEIRO, R.P.P.; MARCHINI, J.S. & SANTOS, J.E. **Transtornos alimentares – quadro clínico**. Simpósio Transtornos alimentares: anorexia e bulimia nervosas, capítulo IV, vol. 39, nº 3, pp. 340-348; jul/set 2006.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. Revista FAMECOS, nº 24, pp. 110-123, 2004.

BRUNO, F. & PEDRO, R. **Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea**. Intexto, vol. 2, nº 11, p.1-16, 2004.

BRUSCHI, M.E. **Estudos culturais e pós-modernismo: Psicologia, mídia e identidades**. In: GUARESCHI, N.M.F. & BRUSCHI, M.E. (orgs.) **Psicologia social nos estudos culturais. Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUCKROYD, J. **Anorexia e bulimia – esclarecendo suas dúvidas**. São Paulo: Agora, 2000.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTRO, A.L. **Culto ao corpo e sociedade. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume, 2007.

DeFLEUR, M.L. & BALL-ROKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DOVAL, C.C. WWW.EU.BLOG.COM/TU. **Blogs e a construção da subjetividade através da escrita**. Letrônica, vol. 3, nº 1, p. 220-46, 2010.

DSM-IV. **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 4ª edição**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ECO, U. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

EFIMOVA, L. & HENDRICK, S. **In searche for a virtual settlement: an exploration of weblog community boundaries.** Disponível em <https://doc.novay.nl/dsweb/Get/Document-46041/weblog-community-boundaries.pdf>  
Acesso em FEV/2011.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1990.

FILHO, J.F. **Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade.** Revista ECO-Pós, vol. 6, nº 1, pp. 72-97, 2003.

FORMIGA, S. **O design do corpo como determinante da identidade feminina.** II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões.** Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GARRINI, S.P.F. **Do corpo desmedido ao corpo ultramedido. Reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa.** V Congresso Internacional de História da Mídia, 31 de maio a 02 de junho de 2007.

GAVIN, J.; RODHAM, K. & POYER, H. **The presentations of “pro-anorexia” in online group interactions.** Qualitative Health Research, vol. 18, nº 325, 2008.

GLOBO, O. **Uso do Photoshop em anúncios e revistas femininas gera polêmica nos EUA e na Europa.** Matéria publicada em 08/OUT/2009. Acesso em 09/OUT/2009.

GOFFMAN, E. **Comportamentos em lugares públicos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

GOLDENBERG, M. **Gênero e corpo na cultura brasileira.** Psicologia Clínica, vol. 17, nº 2, 2005.

GOLDENBERG, M. & RAMOS, M.S. **A civilização das formas: o corpo como valor.** In: GOLDENBERG, M. (org). **Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 11ªed., 2006.

HAY, P.J. **Epidemiologia dos transtornos alimentares: estado atual e desenvolvimentos futuros.** Revista Brasileira de Psiquiatria, vol. 24 (supl III), pp. 13-7, 2002.

LEMOS, A. **A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet.** XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador – BA, 4 e 5 de setembro de 2002.

LEMOS, J. **Maldita comida! Um estudo sobre comunidades virtuais de anoréxicas e bulímicas.** Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/pdf/cogito/v8/v8a04.pdf> Acesso em 12/JUL/2009.

LYRA, M.C.D.P. & ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Transformation and construction in social interaction: a new perspective on analysis of the mother-infant dyad.** In: VALSINER, J. **Comparative Cultural Constructivist Perspective.** Vol. 3. Norwood: Ablex, 1995.

MALYSSE, S. **Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca.** In: GOLDENBERG, M. (org). **Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARLOW, C. Audience, structure and authority in the weblog community. Apresentado no International Communication Association Conference. Los Angeles, 2004.

MATOS, M.Y.C. **A normalidade estética: os modelos legitimados de corpo.** Revista de Ciências Sociais, nº 20, pp. 221-227, 2004.

MEDINA, C.B. **“Anas” e “Mias” em Blogs na Internet: a exposição de si na contemporaneidade.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

\_\_\_\_\_. **Anas e Mias: subjetividade, corpo e cuidado nos blogs pró-ana e pró-mia.** Orientadora: Fernanda Bruno. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação).

MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cadernos de Saúde Pública, vol. 9, nº 3, p. 239-262, 1993;

MIURA, A. & YAMASHITA, K. **Psychological and social influences on blog writing: an online survey of blog authors in Japan.** Journal of Computer-Mediated Communication, vol. 12, p. 1452-71, 2007.

MORGAN, C.M. & AZEVEDO, A.M.C. **Transtornos alimentares e cultura: notas sobre a Oitava Conferência em Transtornos Alimentares – New York, 1998.** Psychiatry On Line Brazil. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/arquivo/culture.htm> Acesso em DEZ/2007.

NOVAES, J.V. **O intolerável peso da feiúra. Sobre as mulheres e seus corpos.** Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

NOVAES, J.V. & VILHENA, J. de. **De Cinderela à moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra.** InterAÇÕES, vol. 8, nº 15, pp. 9-36, 2003.

NUNES, M.A.; APPOLINÁRIO, J.C.; ABUCHAIM, A.L.G. & COUTINHO, W. **Transtornos alimentares e obesidade.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

PEDERSEN, S. & MACAFEE, C. **Gender differences in British blogging.** Journal of Computer-Mediated Communication, vol. 12, p. 1472-92, 2007.

PELEGRINI, T. **Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais.** Revista Urutágua, nº 8. Disponível em [http://www.urutagua.uem.br/008/08edu\\_pelegrini.pdf](http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.pdf) Acesso em 20/AGO/2008.

PINZON, V. & NOGUEIRA, F.C. **Epidemiologia, curso e evolução dos transtornos alimentares.** Revista de Psiquiatria Clínica, vol. 31, nº 4, pp. 158-60, 2004.

PRIMO, A. **Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera.** Revista FAMECOS, nº 36, 2008.

PRIORE, M.D. **Corpo a corpo com a mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Senac, 2000.

PRIORE, M.D. & FREIRE, D.S. **O corpo feminino e o preço da inclusão na cultura contemporânea.** Mnemosine, vol. 1, nº1, pp. 217-232, 2005.

REIS, V.A. **Ana e Mia na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0.** Disponível em <http://www.rumores.usp.br/reis.pdf> Acesso em 07/AGO/2009.

REY, F.L.G. **Sujeito e subjetividade.** São Paulo: Thomson, 2003.

RIBEIRO, M.E.M.A.S. **Adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro: um estudo sobre discursos produzidos em diários eletrônicos.** Orientadora: Martha Traverso-Yépez. Natal: UFRN/IP; 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia).

ROCHA, P.J. **Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade.** Revista FAMECOS, nº 22, pp. 73-82, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S. & SILVA, A.P.S. **Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação.** Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, nº 2, 2000.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. & CARVALHO, A.M.A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano.** São Paulo: Artmed, 2004.

SAMARÃO, L. **O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia.** Contemporânea, nº 8, pp. 45-57, 2007.

SANTOS, H.M. **A construção da imagem “ideal” da mulher na mídia contemporânea.** Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

SANTOS, S.R. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica.** Jornal de Pediatria, vol. 75, nº 6, 1999.

SCHITTINE, D. **Blog: comunicação e escrita íntima na Internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, P. **A vida como relato nos blogs: Mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do “eu”.** VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

\_\_\_\_\_. **O bisturi de software (Ou como fazer um “corpo belo” virtualizando a carne impura?).** Trabalho apresentado no XIV Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 2005.

\_\_\_\_\_. **O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo.** Revista FAMECOS, nº 25, 2004.

SILVEIRA JÚNIOR, P.M. & REIS, V.A. **Vínculos no ciberespaço: websites pró-anorexia e bulimia.** Comunicação midiática – instituições, valores e cultura. 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade BA Universidade Federal de Minas Gerais, 12 a 14 de novembro de 2008.

SIQUEIRA, D.C.O. & FARIA, A.A. de. **Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas.** Comunicação, mídia e consumo, vol. 4, nº 9, pp. 171-188, mar 2007.

VALSINER, J. **Culture and development of children’s actions.** 2ª edição. Nova York: Wisley, 1997.

VIGARELLO, G. **História da beleza – o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

#### **Blogs citados:**

[http://phoenix\\_ana.blug.com.br/](http://phoenix_ana.blug.com.br/)

<http://phoenix-evermore.blogspot.com/>

<http://annamialifestyle.blogspot.com/>

#### **Sites:**

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog> Acesso em 05/JUL/2009;

<http://www.brogu.com/a-historia-dos-blogs/> Acesso em 05/JUL/2009;

[http://ajuda.sapo.pt/comunicacao/novosblogs/utilizacao\\_do\\_servico/Templates.html](http://ajuda.sapo.pt/comunicacao/novosblogs/utilizacao_do_servico/Templates.html)

Acesso em 05/JUL/2009;

<http://www.who.int/en/> Acesso em 09/AGO/2009;

<http://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 17/SET/2009.

#### **Vídeos:**

**DANA: THE 8 YEAR OLD ANOREXIC** – Documentário exibido pelo canal Discovery Home and Health.

Disponível no Youtube:

- Parte 1 - [http://www.youtube.com/watch?v=FJO\\_rCkxA9E&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=FJO_rCkxA9E&feature=related)  
Parte 2 - <http://www.youtube.com/watch?v=1dQCYQSQYWI&NR=1>  
Parte 3 - <http://www.youtube.com/watch?v=xMi-pw3TGrS&NR=1>  
Parte 4 - <http://www.youtube.com/watch?v=Mua8UEuwbEg&NR=1>  
Parte 5 - <http://www.youtube.com/watch?v=nbADSQT1CBk&NR=1>  
Parte 6 - <http://www.youtube.com/watch?v=3sb6tIRvKUE&NR=1>  
Parte 7 - <http://www.youtube.com/watch?v=3HWVuWf5c8o&feature=related>

**SETE PECADOS CAPITAIS: GULA** – Documentário exibido pelo canal History Channel.

Disponível no Youtube:

- Parte 1 - <http://www.youtube.com/watch?v=PLY0sS4969o>  
Parte 2 - <http://www.youtube.com/watch?v=WpL7Dx8BWjc&feature=related>  
Parte 3 - <http://www.youtube.com/watch?v=VsJ1JPXTEHg&NR=1>  
Parte 4 - <http://www.youtube.com/watch?v=13Gz3uh8o6Y&NR=1>  
Parte 5 - <http://www.youtube.com/watch?v=GTHTLUqDQmk&NR=1>  
Parte 6 - [http://www.youtube.com/watch?v=PDPls\\_JWG3g&NR=1](http://www.youtube.com/watch?v=PDPls_JWG3g&NR=1)

### **THINSPO & QUOTES**

Disponível no Youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=4nASFJrxfdg&feature=related>

### **VEJA COMO SE FAZ UM OUTDOOR**

Disponível no Youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=HPG2oOzj0rI>